



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

RENAN SOUZA D'OLIVEIRA

“Este sim, veio pra alegrar toda a gente”:

Visualidades Artísticas do Cordão

ÚLTIMA HORA

do Carnaval das Águas, Cametá (PA)

BELÉM, PARÁ
2019





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES**

RENAN SOUZA D'OLIVEIRA

**“ Este sim, veio para alegrar toda a gente” : Visualidades
Artísticas do Cordão Última Hora do Carnaval das Águas,
Cametá (PA)**

**BELÉM, PARÁ
2019**

RENAN SOUZA D'OLIVEIRA

**“ Este sim, veio para alegrar toda a gente” : Visualidades
Artísticas do Cordão Última Hora do Carnaval das Águas,
Cametá (PA)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará.
Instituto de Ciências e da Arte, ao programa de Pós-
Graduação em Artes - PPGARTES como parte dos
requisitos necessários para obtenção do título de Mestre
em Artes.

Linha de Pesquisa 3: História, Crítica e Educação em
Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Marques de Britto

**BELÉM, PARÁ
2019**

RENAN SOUZA D'OLIVEIRA

**“Este sim, veio para alegrar toda a gente” : Visualidades
Artísticas do Cordão Última Hora do Carnaval das Águas,
Cametá (PA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Artes.

Data da Avaliação: 12/09/2019.

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Rosângela Marques de Britto
(PPGArtes/UFPA – Orientadora)

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra
(PPGArtes/UFPA - Membro Interno)

Profª. Dr. Sávio Luís Stoco
(FAV/UFPA Membro Externo)

BELÉM, PARÁ
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D'Oliveira, Renan Souza

“Este sim, veio para alegrar toda a gente” : Visualidades
Artísticas do Cordão Última Hora do Carnaval das Águas, Cametá
(PA) / Renan Souza D'Oliveira. — 2019.
100 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Rosângela Marques de Britto
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes,
Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém,
2019.

1. Cordão Última Hora. 2. Carnaval das Águas. 3.
Visualidade Artística. 4. Tipografia. 5. Documentário. I.
Título.

CDD 394.25



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ.**

Aos doze (12) dias do mês de Setembro do ano de dois mil e dezenove (2019), às dez horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência da orientadora professora doutora Rosangela Marques de Britto ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de Renan D’Oliveira, intitulada: **“Este sim, veio para alegrar toda a gente”**: **Visualidades Artísticas do Cordão Última Hora do Carnaval das Águas, Cametá (Pa)**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores Rosangela Marques de Britto (Presidente), José Denis de Oliveira Bezerra (examinador interno), Savio Luis Stoco (examinador externo). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Rosangela Marques de Britto, passou à palavra ao mestrando, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito Excelente, observando as considerações da banca.

A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Rosangela Marques de Britto agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo mestrando. Belém-Pa, 12 de Setembro de 2019.

Prof.ª Dr.ª. ROSANGELA MARQUES DE BRITTO

Prof. Dr. JOSÉ DENIS DE OLIVEIRA BEZERRA

Prof. Dr. SAVIO LUIS STOCO

RENAN SOUZA D’OLIVEIRA

Para meu pai, Max (In Memoriam). Obrigado por tudo, “meu velho”.
Minha mãe Maria da Paz d’Oliveira e minha irmã Natasha.
Meu avô Germano Souza (In Memoriam), meu grande artista.
Camila d’Oliveira (Mô), Barbara (Neguinha) e Heitor (Memeu), minha família.
Vivi Menna Barreto e Rosângela Marques de Britto.

AGRADECIMENTOS

A minha família de origem: Meu pai, minha mãe e minha irmã por ter sempre me apoiado e nunca terem desistido de me apoiar nos melhores e piores momentos. Sem vocês não conseguiria. Amo vocês.

A minha esposa Camila e meus filhos Barbara e Heitor, pra vocês todo o amor do mundo. A Rica, melhor filha não-humana do mundo. Amo vocês.

Meu avô por parte materna e padrinho Germano Souza (*in memoriam*), artista plástico, por ter me incentivado no caminho das artes visuais desde pequeno. Pra você toda a admiração e amor do mundo. Saudades eternas.

Aos mestres da cultura cametaense: Vital Batista (Vital 1), Eulálio Tenório (Vital 2), Ruth dos Santos, Rodrigo, Rafael, Layanne, Giane e todos os ribeirinhos que fizeram e fazem parte dessa pesquisa direta ou indiretamente. Muito obrigado pelo acolhimento e por fazer eu me sentir em casa e como se eu fosse membro da família nesses últimos 5 anos. Viva o Carnaval das Águas, viva o Última Hora!

A Viviane Menna Barreto pela amizade eterna, por ter me incentivado desde a graduação a investir no caminho da pesquisa e das artes, e ter me apresentado o Carnaval das Águas e os mestres da cultura cametaense.

A minha orientadora Dra. Rosângela Marques de Britto pela amizade, paciência, atenção e orientação nesse trajeto. Eterna gratidão!

Ao professor Dr. Miguel de Santa Brígida, professor Dr. Denis Bezerra, professora Dra. Luciana Carvalho, professor Sávio Stoco por terem aceitado fazer parte dessa experiência comigo.

Ao professor João de Jesus Paes Loureiro por ter me ensinado o valor da nossa Cultura Amazônica e pelo e o bate-papo durante o café no intervalo das aulas.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Artes que me ensinaram muito nessa caminhada: Denis Bezerra, Ivone Xavier, Liliam Cohen, Orlando Maneschy, Cláudia Leão e Maria dos Remédios.

Ao professor Flávio Leonel Silveira do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia pelos ensinamentos.

Aos colegas Iam Vasconcelos, Saulo Caraveo, Cássio Tavernard, Renan Delmontt (melhor representante de turma!) e demais companheiros e companheiras de afeto e experiência acadêmica da turma de 2017/2019 do mestrado do PPGArtes. Vocês são maravilhosos!

A Dra. Camila Thiemy Dias Numazawa pela ajuda e amizade mesmo na distância.

A Msc. Mariana Mendonça, Fernanda Machado e Ricardo Proença.

A Dra. Caroline Aquino Nunes pela força no início do mestrado.

A CAPES pela ajuda financeira essencial na minha pesquisa.

Toya Jarina, Tranca Ruas.

A Oxalá, meu pai Xangô, mamãe Oxum, Oxóssi, Iemanjá e Nanã.

A cultura ribeirinha cametaense e do TenTém.

Ao Grande Arquiteto do Universo.

Saravá,

Adorei as almas!

RESUMO

Esta dissertação é uma pesquisa que tem como objetivo analisar a visualidade e processo criativo das máscaras, do estandarte e das letras do barco do cordão Última Hora, e não menos importante, descrever o processo criativo da tipografia Última Hora e do documentário audiovisual criado para esta dissertação com o material registrado em vídeo durante os anos de 2014 a 2019. No primeiro trajeto, conto uma breve história de Cametá e da Comunidade do TenTém, com a ajuda dos estudos de Raimundo Coelho (2012). Utilizo as pesquisas de Georg Simmel (2009) e João de Jesus Paes Loureiro (2015) sobre a paisagem e visualidade amazônica respectivamente para refletir a cerca da paisagem dos rios e afluentes do rio TenTém. No segundo trajeto, utilizo os estudos de Felipe Ferreira (2004) e Miguel Santa Brígida Junior (2006) para tratar sobre os conceitos e origens do carnaval, Eric Hobsbawm (2008) sobre tradição e Michel Maffesoli (1986) sobre o sentimento de coletividade da comunidade do TenTém. Seguindo no terceiro trajeto, utilizo os estudos de Richard Sennet (2013) sobre o papel de Vital 2 como Artífice, Martine Joly (2015) sobre análise da imagem artística, Fayga Ostrower (2016), e novamente João de Jesus Paes Loureiro (2015) sobre os barcos e suas letras decorativas. No quarto trajeto se inicia o memorial, no qual descrevo o processo criativo da tipografia Última Hora e do documentário audiovisual Cordão de Mascarados Última Hora do rio TenTém (PA).

Palavras-chave: Cordão Última Hora; Carnaval das Águas; Visualidade Artística; Tipografia; Documentário.

ABSTRACT

This dissertation is a research that aims to analyze the visuality and creative process of the masks, the banner and the letters on the boat of the carnival group “Última Hora”, and last but not least to describe the creative process of the “Última Hora” typography and the audiovisual documentary created to this dissertation with material recorded on video between the years 2014 and 2019. In the first path, I tell a brief history of Cametá and the TenTém Community, with the help of Raimundo Coelho's studies (2012). I use the research of Georg Simmel (2009) and João de Jesus Paes Loureiro (2015) on the Amazon landscape and visuality respectively to reflect the landscape surrounding the rivers and affluents of the TenTém river. In the second path, I use the studies of Felipe Ferreira (2004) and Miguel Santa Brígida Junior (2006) to deal with the concepts and origins of Carnival, Eric Hobsbawm (2008) on tradition and Michel Maffesoli (1986) on the feeling of collectivity of the TenTém community. Following on the third path, I use the studies by Richard Sennet (2013) on the role of Vital 2 as artificer, Martine Joly (2015) on artistic image analysis, Fayga Ostrower (2016), and again João de Jesus Paes Loureiro (2015) about the boats and their decorative lettering. In the fourth path, the memorial is begun, where I describe the creative process of the “Última Hora” typography and the audiovisual documentary with the recorded field research material during the 2014/2019 carnival period.

Keywords: Última Hora carnival group; Water Carnival; Artistic visuality; Typography; Documentary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cordão Última Hora	2
Figura 2 - Rio TenTém	2
Figura 3 - Orla de Cametá	2
Figura 4 - Igreja São João Batista	2
Figura 5 - Imagem aérea da Ilha do TenTém	2
Figura 6 - Barco, cascos e trapiche no amanhecer	2
Figura 7 - Ribeirinhos do TenTém no comércio local	2
Figura 8 - Ribeirinha do TenTém no abatimento de galinha.....	2
Figura 10 - Adentrando os furos amazônicos do TenTém	2
Figura 11 - João Tenório e os furos do TenTém	2
Figura 12 - O Olhar de Vital	2
Figura 13 - As bailarinas do Tem-Tem	2
Figura 14 - Cordão Última Hora e cordão Majestades da Folia.....	2
Figura 15 - Os Linguarudos do Santana	2
Figura 16 - Cordão da Bicharada da Vila de Juaba, no Rio Furtado.....	2
Figura 17 - O Cordão de Mascarados do Última Hora do Tentém	2
Figura 18 - O Engole Cobra, pintura à óleo de Vital 1.....	2
Figura 19 - Vital 1, liderando o Cordão Última Hora	2
Figura 20 - Vital 2, em entrevista no carnaval de 2014.....	2
Figura 21 - Cordão Última Hora após uma apresentação.....	2
Figura 22 - Vital 2 criando as máscaras do cordão Última Hora.....	2
Figura 23 - Vital 2 em sua sala.....	2
Figura 24 - Vital 2 em sua sala/oficina consertando pandeiro.....	2
Figura 25 - Estandarte de 2019 do Cordão Última Hora	2
Figura 26 - Infográfico Estandarte Cordão Última Hora.....	2
Figura 27 - Destaque do barco Nossa Sra. Das Graças	2
Figura 28 - Nossa Sra. Das Graças em vista da casa de Mestre Vital 2.	2
Figura 29 - Detalhe das letras do barco Nossa Sra. Das Graças.....	2
Figura 30 - Mascarados do Cordão Última Hora.....	2
Figura 31 - Máscaras na sala da casa/oficina de Vital 2.....	2
Figura 32 - Molde das máscaras feita a moda antiga.....	2
Figura 33 - Vital 2 mostrando sua máscara/capacete do Segundo Palhaço.....	2
Figura 34 - Vital 2 mostrando sua máscara/capacete do Segundo Palhaço.....	2
Figura 35 - Vital 2 testando a garrafa de plástico como molde da nova máscara	2
Figura 36 - Processo de pintura da máscara por Vital 2	2
Figura 37 - Mascara finalizada	2
Figura 38 - Alfabeto desenhado.....	2
Figura 39 - Desenho no computador a letra “V”.	2
Figura 40 - A Família Tipográfica “Última Hora”	2
Figura 41 - Cena do documentário com registro de 2014.....	2
Figura 42 - Trecho do documentário com registro de 2019.	2
Figura 43 - Amanhecer do Rio TenTém.....	2
Figura 44 - O Caminhar de Geane	2
Figura 45 - Vital 1 e o seu cigarro	Erro! Indicador não definido.

*“Quem me vê sempre parado,
Distante garante que eu não sei sambar...
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar (...)
(...)Eu tenho tanta alegria, adiada,
Abafada, quem dera gritar...
Tô me guardando pra quando o carnaval chegar(...)”*

(Chico Buarque, 1972)

INTRODUÇÃO

Entre rios, imagens, cores e o verde da floresta da nossa visualidade amazônica paraense, existem polifonias de narrativas acerca das memórias e das festividades religiosas e carnavalescas dos moradores situados nos afluentes do Rio Tocantins no município de Cametá, que se localiza há 167 km de Belém na região do Baixo Tocantins do Estado do Pará, no Norte do país.

Dentre estas narrativas carnavalescas de beira de rio, esta dissertação irá tratar de um cordão carnavalesco de 85 anos intitulado Cordão de Mascarados do Última Hora (Figura 1) que, com suas máscaras, barcos e alegria, possibilita a criação de um ambiente festivo imerso na cultura popular dos habitantes da região de Cametá.

Figura 1 – Foto do Cordão Última Hora



Fonte: Acervo do autor, 2018

Este grupo carnavalesco pertence a uma manifestação cultural chamada de Carnaval das Águas. Esta manifestação conta com aproximadamente 17 grupos culturais que desfilam com seus barcos pelos Rio Tocantins.

A minha afinidade com o carnaval ribeirinho e o Cordão Última Hora se iniciou alguns anos antes de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGArtes – UFPA) no qual este estudo foi desenvolvido. Frequento a região do Rio Tocantins desde o carnaval do ano de 2014, onde fiz a minha primeira viagem de campo com meus companheiros do Projeto Cartografias Amazônicas da Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP), liderados pela Msc. Viviane Menna Barreto, ex-docente da Faculdade Estácio do Pará.

Neste projeto produzi dois artigos no qual fui premiado como melhor ilustração no Congresso Regional de Ciências da Comunicação por duas vezes (2015 e 2016 respectivamente) e uma vez no Congresso Nacional de Ciências da Comunicação – INTERCOM (2015) este realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Aceitei o convite para participar deste projeto de extensão no âmbito da comunicação comunitária, em que interagíamos com outras culturas e criávamos soluções criativas para as comunidades. Essa experiência de interação com outras expressões e manifestações culturais distintas da cidade grande, mas voltada a ambiência urbana, me impactou a ponto de retornar para minha cidade (Belém) apaixonado por uma cultura completamente diferente da qual eu cresci e vivi até aquele momento. Desde então, já são seis carnavais que eu participo como brincante e mesmo como artista/pesquisador tendo como foco essa festividade. Neste intuito, me programo anualmente para fazer este trajeto da cidade de Belém, onde moro para o Rio Tocantins, sozinho ou em conjunto com outros artistas/pesquisadores.

Empunhado do meu caderno de campo e da minha máquina fotográfica e filmadora, iniciei com os meus colegas, em 2014, os primeiros registros audiovisuais do Cordão Última Hora também registrando entrevistas com as pessoas que colaboram para que essa tradição se mantenha viva e pulsante no cotidiano da comunidade do Rio TenTém, situada nos afluentes do Rio Tocantins (Figura 2). No ano de 2016, graduei-me em Publicidade e Propaganda pela instituição Estácio FAP e após isso percebi que meus colegas de projeto de extensão ao concluir os seus respectivos cursos, foram se afastando do tema de estudo referente ao carnaval ribeirinho e somente eu continuei frequentando a comunidade no período mais alegre do calendário deste país. Notei que tinha algo de especial na minha relação com o Cordão Última Hora, não só a empatia que eu tenho pelo cordão e seus membros, mas também a necessidade de desenvolver este tema de maneira mais aprofundada, a fim de destacar a importância do estudo acadêmico da estética artística popular.

Figura 2 – Foto de uma residência nas margens do Rio TenTém



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Escolhi este programa por eu possuir uma relação explícita com as artes visuais desde a minha infância e amar as artes e suas diversas formas de manifestação. Meu avô materno Germano Souza era artista plástico, funcionário da Universidade Federal do Pará como desenhista projetista. Cresci tentando copiar seus quadros desde antes de aprender a escrever. Também tive um grande contato com o carnaval e a cultura popular. Fui para diversos bailes carnavalescos com minha família no clube Caixa Pará, tomava banho-de-cheiro, dançava carimbó no município de Marapanim, terra natal de meu pai.

Em paralelo, descobri outras manifestações culturais, em especial a música. Fiz parte de uma geração que se formou sendo espectadora da MTV Brasil nos anos 1990, assistindo grandes festivais de *rock* na televisão como o *Hollywood Rock* e *Rock in Rio*. Vivi a ascensão do movimento *grunge* de *rock* norte-americano, a chegada da internet desde os seus primórdios, mas nunca perdi a minha ligação com a cultura popular, principalmente por ser algo que pulsa até hoje em minha vida e na vida da minha família. Também fui guitarrista de bandas de *rock* desde os 17 anos, na banda I.O.N. do estilo *rock* industrial onde tive o prazer de tocar inclusive em festivais de música, hoje em dia consagrados na cultura paraense, como o Festival Se Rasgum, na sua primeira e segunda edição (2006 e 2007), no qual dividi o palco com bandas conhecidas nacionalmente como Mundo Livre S/A, Cachorro Grande, Madame

Saatan, e também em programas da televisão local como o Armazém Belém da TV Cultura do Pará.

Atualmente, com 35 anos, posso dizer que a arte fez parte da minha vida, a diferença é que o artista/pesquisador assume essa paixão como meio de produção de conhecimento e de vida. Isso ficou mais latente ao ingressar neste programa de pós-graduação. Adentrei inicialmente na Linha 1, intitulada Poética e Processos de Atuação em Artes, com a ideia de fazer desenhos relacionados à cultura cametaense do Carnaval das Águas.

A orientação da professora Rosângela Britto foi de extrema importância para me ajudar na definição do objeto deste estudo, bem como as reuniões do Grupo de Pesquisa Arte, Memórias e Acervo na Amazônia. Recordo-me até hoje da minha primeira reunião com o Grupo de Pesquisa no qual estavam a professora Rosângela Britto, professora Marisa Morkazel e a colega de turma, e também professora Renata Maués. O intuito da reunião além de nos apresentarmos uns aos outros, era mostrar nosso projeto de pesquisa e o andamento que o mesmo se encontrava. Eu, bastante nervoso, falei um pouco do meu trajeto acadêmico e fui direto ao ponto. Quando mostrei o material audiovisual que possuía, os presentes entraram em um consenso de que o material tinha muita potência comunicacional e de produção de conhecimento para ser apenas um registro de campo. Confesso que para mim, até aquele momento, fiquei bastante pensativo e relutante com relação a produzir um material audiovisual com essa proposta.

Dentro das agências de publicidade e minha graduação, especializei-me em imagens estáticas, como fotografias, pintura digital, cartazes e demais tipos de mídia impressa. Tanto como diretor de arte publicitária, como designer gráfico. A linguagem audiovisual me causava insegurança pelo fato de não domina-la com primazia. Foram horas, meses, anos olhando para esse material até que em um determinado momento eu percebi que seria de extrema importância não só para esta pesquisa, mas para o próprio cordão Última Hora, mostrar a arte deles através dessa linguagem. Aceitei o desafio e após isso, mudei para a linha de pesquisa 3, intitulada História, Crítica e Educação em Artes, onde me proponho a fazer uma dissertação no modelo híbrido, com o último capítulo utilizando da narrativa memorial para fazer uma reflexão sobre o documentário.

Neste sentido, retornei a essa pesquisa após qualificação, com um novo recorte do meu projeto, que apresentava neste momento do estudo várias frentes de trabalho, desde os

processos de constituição da memória e história do grupo por seus criadores e brincantes chegando até a análise da visualidade artística do Cordão Última Hora. Optei como tema estudar o Cordão Última Hora que se constitui pelos seus artefatos criados pelos artistas e membros do cordão, e sua ressignificação pelos moradores do local e público brincante.

Me propus a criar um audiovisual sobre essa minha vivência e experiência nessa festividade carnavalesca ribeirinha, apresentando recortes de memórias de seus brincantes e criadores, assim como a visualidade artística do Cordão, que se constitui no ato de suas apresentações durante o período do Carnaval das Águas.

O tema se caracteriza por ser pouco estudado e pouco conhecido na mídia e na pesquisa. Existem poucas narrativas, materiais, registros ou textos relacionados, principalmente no meio acadêmico. Dentre estas poucas produções discursivas, posso citar a dissertação *Mapa Pictográfico da Amazônia Ribeirinha* (2005) de Viviane Menna Barreto, e um artigo intitulado *Carnaval das Águas: Um breve estudo sobre a paisagem ribeirinha e a memória coletiva do Cordão Última Hora* (2018), que escrevi em parceria com a orientadora deste trabalho, Prof.^a Dra. Rosângela Britto para a 31^a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), realizada na Universidade de Brasília (UnB) em 2018. O mesmo começou a ser escrito durante a disciplina Acervos, Memórias e Culturas, por mim cursada no PPGArtes.

Mas, nem tudo é festa no carnaval ribeirinho. Existe muita dificuldade interna dos mesmos se manterem financeiramente, rivalidade com outros cordões e blocos, como em determinado momento presenciei durante o carnaval do ano de 2018. Pessoas de Belém querendo de alguma forma usufruir da estrutura do cordão ou das residências de moradores da comunidade para registros invasivos se aproveitando da cordialidade dos mesmos.

Tudo aqui escrito e registrado foi construído não só pelos motivos já citados no parágrafo anterior, mas também como uma homenagem para as pessoas que se organizam e realizam essa festa. É uma retribuição a estas pessoas por tantos anos me recebendo em suas residências, me dando um lugar para ficar e abrindo suas portas para a realização desta pesquisa. É disso que no fundo tudo isso se trata: com as pessoas e relações de afetos.

O material coletado em campo equivale aos registros audiovisuais das entrevistas com os membros componentes do grupo, alguns egressos do Cordão Última Hora, como o Sr. Alchimedes Vital Batista, Vital 1, também conhecido na região de Cametá como Engole

Cobra, que representa o elo entre diferentes gerações desta memória e história do Última Hora. Ele, hoje com aproximadamente 67 anos, reativou o grupo, tendo se retirado dele em 2005. Sr. Vital 1 é um artista importante para a cultura cametaense por seu trabalho com a banda Engole Cobra e por reativar, no início dos anos 90 do século XX, o cordão, em conjunto com Eulálio Tenório dos Santos, mestre Vital 2, assim conhecido por dar continuidade a esta tradição carnavalesca ribeirinha. com quase 60 anos, sendo que destes, quase três décadas dedicado a manutenção do cordão.

O registro audiovisual “Cordão de Mascarados Última Hora do Rio TenTém (PA)” possui diversas imagens que envolvem os bastidores das apresentações, assim como o trajeto do cordão pelos rios, e as atuações das comédias nas residências. O cordão é liderado pelo mestre Vital 2, para sua assistência, ele conta com o auxílio de membros de sua família, como os sobrinhos Jerry Santos e Gérson que atuam como o travesti e o primeiro palhaço respectivamente, a sua esposa Ruth dos Santos e seu filho Rodrigo dos Santos, atualmente o segundo palhaço do cordão. Essas pessoas, com a ajuda da comunidade, mantém o cordão funcionando, tanto financeiramente como se empenhando na criação e produção das máscaras, estandartes e demais visualidades artísticas do mesmo.

De posse de todas essas informações, surgiram questões que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, que são: De onde vem as referências e inspirações para as visualidades artísticas do cordão? Quais as referências visuais e os temas que geram os processos de criação dos elementos artísticos que compõem a plasticidade das máscaras dos brincantes, do barco e do estandarte? Quem são os artistas que criam as máscaras, o barco e estandarte? Como se desenvolve este processo criativo?

Esta pesquisa tem como objetivo geral se propor a compreender a visualidade do cordão Última Hora, suas referências visuais e os processos criativos expressos de Vital 2 nos estandartes e máscaras, criar uma família tipográfica inspirada no Cordão Última Hora e criar um audiovisual sobre essa manifestação cultural.

Os objetivos específicos são analisar os elementos visuais do cordão, associados à criação da identificação visual do grupo; elaborar um audiovisual sobre essa manifestação cultural; descrever os processos criativos de feitura de uma tipografia exposta no documento dissertativo e o audiovisual, que documenta a memória do Cordão e a percepção das

visualidades dessa festividade ribeirinha expressa em seu barco, seu estandarte e suas máscaras.

Esta pesquisa adotou como método a abordagem qualitativa, mediando a pesquisa “em” e “sobre” Arte/Artes Visuais (BRITES; TESSLER, 2002). Pesquisa “em” artes consiste no trabalho poético de criação de uma obra de arte e a pesquisa “sobre” arte se caracteriza por ser realizada por teóricos, críticos e historiadores quando seu estudo se dá através da análise das obras de arte (REY, 2002, p.125).

Neste sentido, o “pensamento visual” segundo Iceia Cattani (2002, p.37-50) é essencialmente não verbal, e no caso dessa manifestação cultural é bem representado nas visualidades do cordão, sendo estes o foco para refletir e compreender o pensamento visual deste artistas. Representando formas, linhas, cores que ajudam a caracterizar cada elemento visual e constituinte da identidade estética deste grupo. Neste sentido, considero as formas plásticas dos materiais, dentre outros presentes em sua fisicalidade, ou seja, que constituem a indumentária da festividade, parte integrante deste pensamento visual e não verbal associado à criatividade desses artistas.

Na pesquisa “em” Arte/ Artes Visuais assumo o papel de artista criador e faço uma reflexão poética acerca do processo criativo do documentário e da identidade visual do mesmo, onde detalho as diversas etapas de criação até a finalização no filme documental.

A dimensão artística e estética deste grupo está associada, de maneira interdisciplinar, ao método da observação participante e as entrevistas. Para isso, a pesquisa de cunho etnográfico foi de extrema importância. Neste sentido, compreendo que a etnografia, segundo Ana Luíza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert (2003), “consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa” (ROCHA, ECKERT, 2003, p.3).

A pesquisa como “mergulho” baseia-se na orientação de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), acerca do exercício do ofício do antropólogo de olhar, ouvir e escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p.17-35) no caderno campo, que aqui associo com a ideia do caderno de artista ou do observador das práticas artísticas e estéticas, além do registro audiovisual.

Para entender melhor essa complexidade, proponho um estudo de campo baseado na “etnografia da duração” (ROCHA; ECKERT, 2013). A duração é um conceito proposto por

Gaston Bachelard, em que se reconhece que essas formas de vida social “são agenciadas por imagens que tem o poder de enquadrá-las no interior de uma experiência temporal humana do mundo” (BACHELARD apud ECKERT; ROCHA 2011, p.113). Portanto, o trabalho de campo me possibilitou, como pesquisador, adentrar no cotidiano de meus interlocutores/artistas. Esse trabalho não teria sentido se não fosse para olhar, escutar e descrever o que foi narrado pelo grupo no presente e continuamente reconstruído por suas memórias acerca da festividade carnavalesca, materializada através da visualidade expressa em seus itens.

As entrevistas foram realizadas nos anos de 2014, 2017, 2018 e 2019. Nelas, procuro saber as origens familiares de cada interlocutor, como e quando eles começaram a brincar no carnaval ribeirinho, suas relações com a comunidade e com o cordão Última Hora. Pela escassez de conteúdo escrito ou registrado por eles, as entrevistas e o registro filme/documental são de extrema importância, como parte da preservação da memória desta manifestação cultural. Portanto estes registros orais são vitais para esta pesquisa.

Tomei a liberdade de nomear meus capítulos com a palavra “trajeto”, em homenagem aos barcos e caminhos fluviais no qual percorro durante todos esses anos na região do Rio Tocantins. Este trabalho possui a narrativa toda na primeira pessoa. O motivo do mesmo é desenvolver um diálogo com aquele que lê este trabalho.

No primeiro trajeto, começo a dissertação escrevendo sobre Cameté, a Comunidade do TenTém e seus habitantes utilizando como referência os estudos do historiador Raimundo Coelho (2012) e em seguida desenvolvo uma descrição sensível de pesquisa sobre a paisagem da comunidade do TenTém a partir dos estudos dos filósofos Georg Simmel (2009) e João de Jesus Paes Loureiro (2015).

No segundo trajeto, falo um pouco sobre o carnaval, utilizando os estudos de Felipe Ferreira (2007), Roberto da Matta (2006) relacionando com o contexto do carnaval do Última Hora e suas origens. Em seguida utilizarei os estudos de Eric Hobsbawm (2008) sobre as tradições, relacionando-os de maneira interpretativa aos 85 anos do Última Hora.

No terceiro trajeto, direciono a dissertação mais para o campo das artes, onde convido para este diálogo conduzido por Richard Sennet (2013) para entender o papel de artífice do mestre Vital 2 dentro do Cordão Última Hora. Martine Joly (2017) e João de Jesus Paes

Loureiro (2015) para dialogar sobre a análise das visualidades artísticas do cordão e Fayga Ostrower (2015) para entender o processo criativo das mesmas.

No quarto trajeto, utilizo da escrita memorial para refletir sobre o documentário e sobre o meu olhar acerca da produção do mesmo como uma narrativa artística e de audiovisual documental, assim como, dos processos de criação da família tipográfica de letras apresentadas no final deste trajeto.

TRAJETO

I

**CAMETÁ, COMUNIDADE
DO TENTÉM E A SUA
PAISAGEM**

1º TRAJETO : CAMETÁ, COMUNIDADE DO TENTÉM E SUA PAISAGEM

Neste trajeto, apresento o contexto da pesquisa de campo ao falar um pouco sobre Cametá, baseado nos estudos do professor Raimundo Coelho (2012) lado a lado com as anotações de campo que fiz durante estes 6 anos de pesquisa, realizado de maneira não contínua. Primeiramente escrevo sobre o início da viagem, após isso, escrevo sobre um breve histórico e características do município de Cametá e em seguida, descrevo os registros de campo sobre a comunidade que se situa no entorno do rio TenTém. Por fim, desenvolvo o conceito de paisagem baseado na obra de Georg Simmel e a diferença que ele expõe entre paisagem e natureza, além da importância de *ressignificar* esse conceito a partir da experiência em campo e na relação com as pessoas desse lugar. Em seguida recorro aos estudos de Paes Loureiro (2015) sobre a importância dos rios e furos amazônicos relacionando com os mesmos do Rio TenTém

1.1 O Início da viagem

Nos primeiros anos, mais precisamente nos anos de 2014 a 2016, eu possuía o hábito de viajar de barco para a comunidade do TenTém, mais precisamente em embarcações de dois andares chamada de “O Abençoado” que tem seu ponto de partida no Porto Palmeiraço, localizado no bairro da Cidade Velha, em Belém. A viagem, no entanto, era bastante cansativa. A duração do trajeto era de aproximadamente de mais de doze horas. O “Abençoado” é um barco grande, com dois andares de disponibilidade para acesso de redes e no último andar era de costume ter bandas ou DJ’s para animar a viagem. Os passageiros eram em sua maioria foliões que, já na embarcação, começavam os festejos pela madrugada a fora. Nos anos seguintes optei por usar a lancha pela comodidade e pela rapidez que proporcionava. O que antes eram doze horas, a partir de 2017 passou a ser apenas três horas para chegar ao destino.

Durante a minha primeira viagem para o município de Cametá, em 2014, conheci o Professor Raimundo Coelho, bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor de ensino médio da região. Neste período acabei me atrasando para embarcar de volta para Belém e precisava de um local para dormir. Ao saber da natureza da minha viagem, os moradores me indicaram falar com o professor Coelho, como é chamado na região. Devo muito a ele e a sua esposa Franciolga Pereira Coelho por terem me hospedado em sua residência por duas noites, disponibilizado-me um local para armar minha rede e me

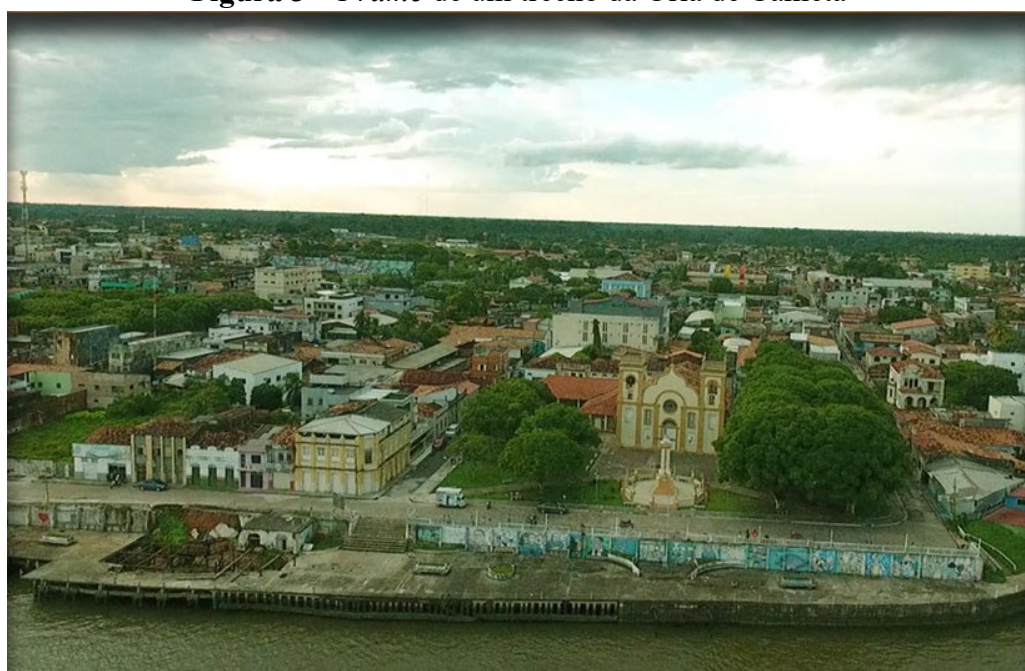
alimentado. Durante a estadia, o professor Coelho me presenteou com seu livro intitulado *Patrimônio Cultural Cametaense: Estudo sobre o Patrimônio Cultural de Cametá e sua Importância no Contexto Escolar do Município (2012)*. Por meio desse livro conheci um pouco sobre a história da cidade e suas ilhas, na qual irei apresentar brevemente a partir de agora.

1.2 Cametá

A minha relação com o município de Cametá é uma relação transitória, mas relevante para minha formação de artista pesquisador. Transitória por não ser o ponto essencial das minhas viagens de campo que se situam na comunidade ribeirinha do TenTém, mas relevante por ser necessária à minha passagem pela cidade e já presenciar um pouco da cultura cametaense, que também exerce influência sobre as demais ilhas ao redor do município. Ao chegar, é possível notar características que fazem parte da identidade da região, como o porto, os barcos, a orla, dentre outros.

Cametá (Figura 03) se localiza na mesorregião do nordeste do Estado do Pará, às margens do rio Tocantins. A palavra Cametá é de origem Tupy, e tem origem nas tribos indígenas dos Camutá, ou “Caa-Muta” que significa armação elevada na copa de árvores, pois “Caa” seria mato, floresta ou bosque e “Mutá” seria degrau, armação ou elevação (COELHO, 2012, p.35).

Figura 3 – *Frame* de um trecho da Orla de Cametá



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Atualmente o município de Cametá tem uma população estimada em 110.323 habitantes, sendo que destes habitantes 47.984 são moradores da área urbana. Na sede do município e 62.339 habitam na zona rural do município de Cametá, distribuída nos sete distritos: sede do município (Cametá), Juaba, Carapajó, São Raimundo dos Furtados, Moiraba, Curuçambaba e Joana Coeli, além das vilas de Areião e Vila do Carmo do Tocantins (OLIVEIRA; BRANDÃO; PENA, 2014). É o município mais antigo e tradicional dos que estão situados à margem do rio Tocantins, tendo sido instituído no ano de 1635. Segundo Coelho (2012, p.45) “pela sua importância histórica, empresta seu nome à antiga microrregião homogênea do Baixo Tocantins que passou a chamar-se *Microrregião de Cametá*”.

É um lugar que também foi palco de um momento importante da história do Estado do Pará, o movimento revolucionário popular denominado de Cabanagem, tal fato a levou ser chamada de Cidade Invicta pela resistência à ocupação feita pelos cabanos pelas forças legalistas (COELHO, 2012, p.37). A região é um destino frequente para turismo local, principalmente por ter um dos carnavais mais aclamados pela população paraense. Na cidade, preponderam os blocos de carnavais de trio elétrico, com abadás e bandas da capital Belém para animar os foliões durante esse período.

Figura 4 – Foto da igreja São João Batista



Fonte: Toninho Castro, 2019.

A Figura 4, a imagem retirada do site da prefeitura de Cametá mostra a Igreja de São João Batista (padroeiro da cidade). Construída em 1757 na Praça dos Notáveis, teve como seu

responsável o arquiteto italiano Antonio Landi, que destacou-se por projetar os prédios públicos e religiosos da região da Amazônia, tais como Catedral Metropolitana de Belém, Palácio dos Governadores e Casa das Onze Janelas, edificadas em Belém (COELHO, 2012, p.49). Quando estou no trajeto de Belém para Cametá, a Igreja e a orla são os signos que à distância fazem eu identificar o município (Figura 3). Após a chegada, demoro em média 30 minutos a 1 hora na cidade para comprar mantimentos e me alimentar. Em seguida, já me preparo para ir para a comunidade do TenTém.

1.3 A ilha do TenTém

Figura 5 – *Frame* de imagem aérea da ilha do TenTém



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

A ilha do TenTém é uma das diversas ilhas localizadas no rio Tocantins. Para chegar nesta comunidade, é necessário fazer uma viagem que varia entre trinta minutos e 1 hora, partindo de Cametá. Trago na Figura 5, uma imagem capturada por um drone na qual é possível ver a distância entre as casas, o acesso às residências por seus respectivos trapiches e a mata “abraçando” o lar dos ribeirinhos. Este “abraçar” vai além do sentido poético. Os habitantes amam a natureza e possuem todo o cuidado possível ao se relacionar com as águas e com a flora. Em seguida, versarei sobre a comunidade.

1.4 A Comunidade e seus habitantes

A comunidade é formada por famílias que, com os casamentos dos filhos espalharam e passaram a povoar toda a ilha (COELHO, 2012, p.85). O principal meio de transporte são os barcos de dois tipos: o barco motorizado, que serve para grandes viagens como do TenTém para o município de Cametá, e o casco, que consiste em um barco pequeno. Alguns habitantes ainda utilizam embarcações à remo, outros já possuem motores, que são utilizados para pequenas viagens, como o de uma residência à outra.

Figura 6 – Foto de barco, cascos e trapiche no amanhecer



Fonte: Arquivo do autor, 2018.

Na Figura 6, consegui capturar no amanhecer no rio TenTém, tendo em segundo plano um ribeirão ainda utilizando o casco a remo para se deslocar pela vizinhança, um casco estacionado no trapiche com motor, e o barco a motor.

Figura 7 – Foto dos ribeirinhos do TenTém no comércio local



Fonte: Acervo do autor, 2018.

O sustento das famílias dessa região é providenciado por meio do comércio e pescaria. No comércio, posso citar a venda de gasolina para abastecer os barcos e as “vendinhas”, pequenos mercados populares onde se vende uma grande diversidade de itens, desde vassoura, biscoitos e até remédios. Na Figura 7, evidencio através das lentes da minha máquina fotográfica, o momento que os pescadores estão no abastecimento de gasolina. Alguns já deixando o local, outros estacionando. A fotografia mostra a fila de barcos, que possui uma função adaptada de acesso ao trapiche. O pescador mais distante, após o estacionamento, utiliza os outros barcos para chegar ao posto de gasolina.

No geral, as mulheres desempenham o trabalho de donas de casa, cuidando dos filhos e netos, cozinhando e dominando os restantes das atividades domésticas. Ocasionalmente, elas auxiliam os seus companheiros na pesca e demais atividades (Figura 8). São as mulheres que tomam conta de todo o processo de preparo dos alimentos, desde o abatimento, até o cozimento do mesmo.

Figura 8 – *Frame* de uma ribeirinha do TenTém no abatimento de galinha



Fonte: Acervo do autor, 2018.

A pesca (Figura 9) é a profissão mais desempenhada na região, entre os homens. As famílias costumam se alimentar de peixe Mapará e camarão que os mesmos extraem da natureza. Também criam porcos, galos e galinhas para o consumo próprio.

Figura 9 – Foto de ribeirinhos do TenTém no momento da pesca



Fonte: Acervo de Laércio Esteves, 2018.

1.5 A paisagem

Ao me deslocar nos barcos pelos rios e furos da região, atentando a beleza única da paisagem. Durante o trajeto fica mais evidente a diferença do município de Cametá com a região do rio TenTém. A visualidade, a sonoridade e os signos da floresta tem uma função dominante nos sentidos. Já não se ouve mais barulhos de motos, carros ou grandes embarcações que se ouve em cidades como Belém ou na sede de Cametá.

Existe no senso comum uma certa confusão sobre o significado ou o conceito de paisagem. Georg Simmel em seu texto “A Filosofia da Paisagem” desenvolve o conceito de paisagem, também diferencia este conceito com o de natureza, muitas vezes confundidos dentro do senso comum. Nas palavras de Simmel (2009), entende-se por natureza “o nexo infindo das coisas, a ininterrupta parturição e aniquilação das formas, a unidade ondeante do acontecer, que se expressa na continuidade da existência espacial e temporal” (SIMMEL, 2009, p.5). Para o autor, a natureza não pode ser dividida ou fracionada, pois no momento que essa unidade de um todo se divide, ela deixa de ser natureza. Já a paisagem, segundo o autor:

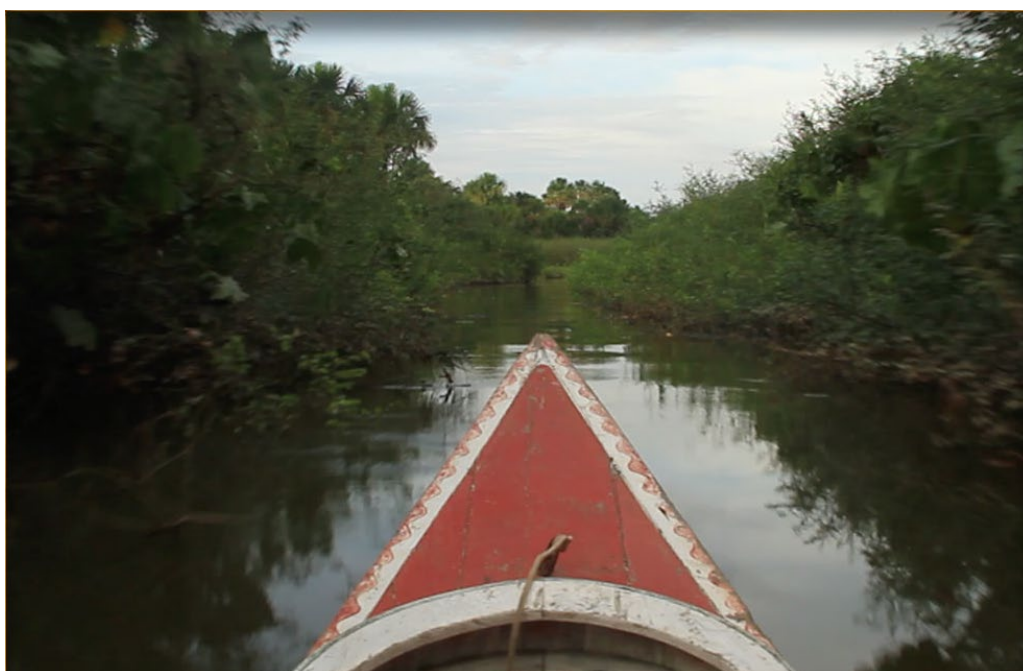
é uma contemplação em si reclusa, apercebida como unidade auto-suficiente, entrançada, porém, numa extensão infinitamente ampla, numa torrente vasta, e guardada de limites que não existem para o sentimento do Uno divino e do todo da natureza, o qual reside em baixo, noutra estrato. (SIMMEL, 2009, p.6).

Dividir a natureza seria uma contradição, mas para a paisagem essa divisão é essencial. Ainda sobre o conceito de paisagem, Maria Lúcia Bastos Kern em seu artigo “História e Arte: As invenções da paisagem”, revela que a paisagem para existir, deve imprimir uma percepção ordenada do mundo e a tomada de consciência de si, como sujeito (KERN, 2011, p.1), através da observação e da contemplação prazerosa. A paisagem depende dos sentidos humanos, como o olhar, para ela ser algo extraído da natureza e se criar como uma unidade pertencente a este todo e se tornar paisagem.

1.6 A paisagem labiríntica do rio TenTém e seus furos

O poeta e teórico paraense João de Jesus Paes Loureiro em seu livro *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*, escreve que os rios amazônicos “constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais” (LOUREIRO, 2015, p. 137). Durante a pesquisa de campo, presenciei essa realidade e corroborei sua centralidade. Ao percorrer o rio, percebi que o rio TenTém, mistura-se com outros furos e cenários que para um homem da cidade, acabaria por levá-lo a se perder com facilidade em tamanha beleza.

Figura 10 – *Frame* de um furo amazônico do rio TenTém



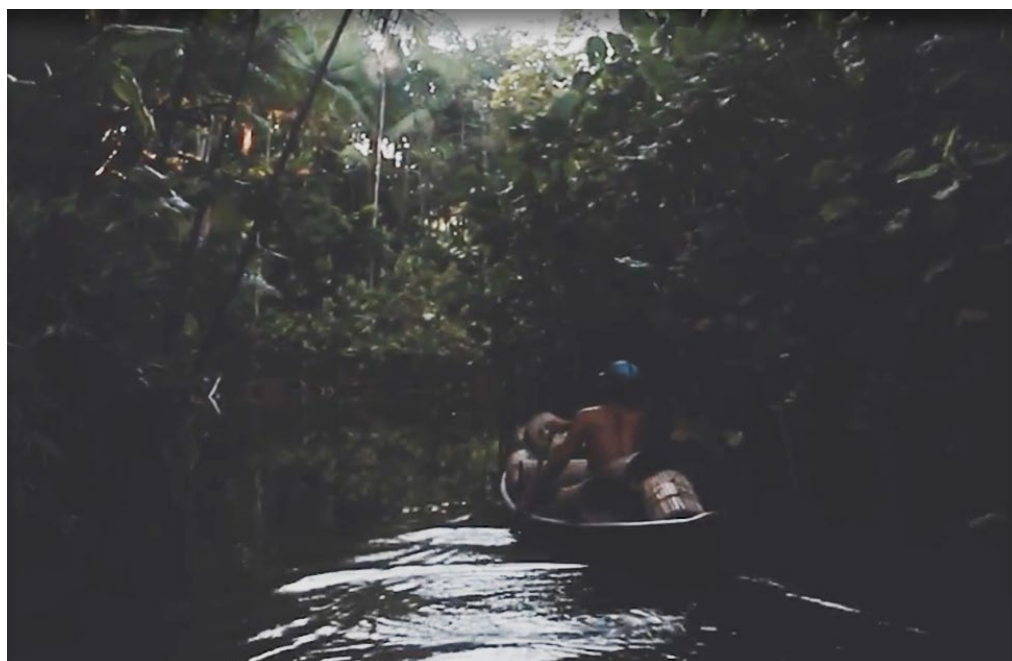
Fonte: Acervo do Autor, 2018.

A Figura 10 consiste em um *frame* do registro audiovisual de meus arquivos, onde estava a bordo de um dos cascos do mestre Vital 2 acompanhando-o em uma viagem no qual ele me apresentou o local pela primeira vez. O caminho é calmo, só se ouvia o barulho do motor da embarcação que ele comandava.

A seguir, a Figura 11, é um *frame* do documentário “Remansinho do rio Tentém” (2018), dirigido por Paulo Castro. O documentário conta a história de João Tenório dos Santos, irmão do mestre Vital 2 e sua jornada liderando o grupo Remansinho. Dentre suas atividades, está a da já citada pesca de camarão, para a qual João confecciona o próprio instrumento de pesca chamado de Matapí, que consiste em ser um cilindro onde internamente

possui um funil que serve de armadilha para o crustáceo. Nesta imagem se percebe a realidade labiríntica descrita por Paes Loureiro anteriormente. Ao passar pelos furos, a própria floresta atua como se fosse uma proteção, e apresenta uma estética diferenciada, para aquele que vivencia o momento do trajeto.

Figura 11 – Foto de João Tenório em um furo do rio TenTém



Fonte: Acervo de Paulo Castro, 2018.

1.7 A realidade *imediata e mediata* da paisagem

Durante os inúmeros trajetos que fiz tanto em barcos como em cascos, percebi que os caminhos e furos são dominados de forma ímpar pelos habitantes. Desde o início do trajeto do porto de Cameté até o rio Tocantins, observei que o ribeirão se adapta às funções estéticas e pragmáticas da natureza, minimizando suas intervenções de acesso e habitacionais, preservando a paisagem natural, portanto, uma paisagem cultural.

Segundo Roberto Corrêa (1995, p.4) paisagem cultural são formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza. Corrêa descreve que a paisagem cultural possui duas facetas, uma funcional e outra simbólica. Loureiro (2015), em uma linguagem mais poética chama de realidade *imediata e mediata*. Realidade imediata seria a função material, objetiva e a mediata a função mágica, estética, segundo o autor.

Através do olhar, o ribeirinho contempla a paisagem, como mostro na Figura 12, que exhibe o olhar do mestre Vital 2. Neste *frame*, percebe-se além da contemplação, a observação prazerosa do mesmo em relação à natureza (KERN, 2011, p.1) que faz parte da vida e cotidiano do mesmo. O olhar de Vital acaba sendo a porta de entrada para os demais sentidos, percepções e compreensões que definem a paisagem, assim como o meu olhar fotográfico ao registrar esse momento, onde estávamos em trajeto no seu barco (realidade imediata) e simultaneamente, registro o momento com meu olhar sensível, o olhar sensível de Vital 2 (realidade mediata).

Figura 12 – *Frame* do olhar de Vital 2



Fonte: Acervo do Autor, 2018.

A seguir, fiz outro registro (Figura 13) em preto-e-branco em fevereiro de 2018 da entrada da residência de Vital 2. Vejo através das lentes fotográficas duas brincantes do cordão: a filha de Vital, Geane na esquerda e Vivi, sua sobrinha na direita.

Figura 13 – Foto das bailarinas do TenTém



Fonte: Acervo do Autor, 2018.

Neste momento, ambas estavam prestes a embarcar, as duas estão paradas esperando o barco de Vital 2 estacionar no trapiche da residência do mesmo. A imagem reflete o momento calmo que antecede a festa e comum naquela realidade, na qual moradores da região utilizam boa parte do seu tempo admirando a paisagem e o trajeto dos barcos nos rios.

A paisagem desta imagem possui uma realidade imediata, por ter signos construídos por meios funcionais, como o trapiche, a residência, a caixa d'água, mas o olhar estético em preto-e-branco da fotografia é a realidade mediata dessa paisagem. “Dessa maneira, o homem contempla uma realidade imediata iluminada pela realidade mediata” (LOUREIRO, 2015, p. 134).

No próximo trajeto, a dissertação se direciona para os estudos sobre o carnaval, tradição e o histórico do cordão Última Hora, tendo como base as entrevistas feitas na pesquisa de campo.

TRAJETO

II

O CARNAVAL E A TRADIÇÃO DO
CORDÃO ÚLTIMA HORA

2º TRAJETO – O CARNAVAL E A TRADIÇÃO DO CORDÃO ÚLTIMA HORA

Neste trajeto, começo a escrita com as origens do carnaval brasileiro, desde o Entrudo, até o Carnaval. Para dialogar com esses conceitos importantes para esta dissertação, trago os conceitos de Felipe Ferreira (2004), Miguel Santa Brígida Junior (2006), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992), Roberto da Matta (1997) e André Diniz (2004).

Em seguida volto a utilizar os estudos do professor Raimundo Coelho (2012) para contextualizar o leitor sobre o Carnaval das Águas e os cordões que fazem a história dessa manifestação cametaense. Após isso, direciono a escrita sobre uma das figuras mais importantes da história do cordão: Vital 1. O caderno de campo começa a tomar protagonismo em vários momentos, aos quais intercalo as teorias com passagens de minhas anotações, especialmente ao acessar as memórias do cordão Última Hora pela entrevista com Vital 1. Neste momento, também trago o conceito de tradição de Eric Hobsbawm(2008) e relaciono com a tradição ribeirinha do Última Hora e o de socialidade de Michel Maffesoli (1986) para escrever acerca das relações e afetos da comunidade.

2.1 O entrudo

Durante séculos o entrudo foi a época em que as festas do Carnaval eram celebradas. Era considerada uma diversão brutal, incivilizada (FERREIRA, 2004), grotesca e desafiavam a ordem social da época, como descreve Felipe Ferreira a seguir:

Apesar de muito bem adaptado às terras do Brasil, esse tipo de comemoração chegou até nós vindo de Portugal onde, como em toda a Europa, havia o costume de se festejar alegremente os últimos dias antes da chegada da Quaresma. Em terras lusitanas, os festejos adquiriram características próprias, com um marcado gosto pelas lambanças e pelo consumo das famosas filhoses, espécie de doce frito com ovo e farinha (FERREIRA, 2004, p. 75).

Aos poucos, o entrudo começou a ter características *abrasileiradas* e foi se afastando de suas raízes portuguesas, como cita Maria Isaura Pereira de Queiroz:

Analisando a comemoração, observa-se que as práticas vinham diretamente de Portugal: ensopar de água as pessoas, sujá-las com lama, com farinha, com cinzas. Estas brincadeiras tinham lugar, a princípio no interior das casas; porém, muito cedo uma outra diferença afastou o Entrudo de suas raízes portuguesas: os folguedos eram inteiramente os mesmos por toda a

parte, enquanto havia na terra lusitana, variações de aldeia para aldeia, de região para região. (QUEIROZ, 1992, p. 44).

Tais diferenças foram importantes para criar uma unidade sobre a manifestação, e ajudou a desenvolver uma identidade a respeito do entrudo. Uma identidade nacional, que se diferencia de Portugal. O entrudo português aos poucos foi sumindo, ao contrário do Brasileiro que foi ganhando força, com características e divisões próprias: uma no âmbito da casa, envolvendo familiares e pessoas próximas; e outra nas ruas, já em um caráter mais popular.

Segundo Felipe Ferreira (2004), o entrudo era dividido em duas partes: entrudo familiar e entrudo popular. O entrudo Familiar era uma festa que ocorria nas residências, de forma privada, no qual as mulheres tinham um papel fundamental na brincadeira. Era tradicional os moradores da casa, com ajuda dos domésticos, fabricarem limões-de-cheiro e pequenas bolas de cera com água ou perfume para serem jogados nas pessoas, em sua maioria do sexo feminino:

Eram as jovens filhas das famílias brasileiras, por exemplo, que muitas vezes tomavam a iniciativa de lançar os limõezinhos sobre algum rapaz que lhes interessasse, aproveitando-se dessa rara oportunidade de exercer algum controle sobre seu destino. É claro que os rapazes muitas vezes lisonjeados com a escolha, tiravam proveito da atmosfera de sutil licenciosidade para arriscar tocar, através do lançamento de um limãozinho-de-cheiro, alguma das partes proibidas do corpo das jovens, como os ombros ou, suprema audácia, o colo (FERREIRA, 2004, p. 86).

Já o entrudo popular era mais agressivo e aconteciam nas ruas. Ao invés de limões-de-cheiro e perfume, eram usados tudo o que se podia encontrar ao alcance nas ruas.

Muito mais agressivo e espontâneo que o Entrudo Familiar, a brincadeira do Entrudo Popular espalhada pelas ruas era basicamente um grande furdunço no qual qualquer tipo de líquido ou pó podia ser usado como munição atirada sobre o oponente. (FERREIRA, 2004, p. 92).

Os *entrudistas* utilizavam líquidos da sarjeta, até mesmo dos esgotos ou fezes. Era um verdadeiro caos carnavalesco. Posteriormente, o poder público decidiu proibir o entrudo pela excessiva falta de controle social, dando passagem finalmente para o Carnaval.

2.2 Carnaval: alguns conceitos

Após o Entrudo ser oficialmente banido, o Carnaval surgiu como a festa profana que mais tarde seria a principal data festiva do calendário brasileiro. Provavelmente a manifestação cultural mais popular do mundo. O caráter artístico, sedutor e profano do carnaval consegue atrair todas as classes sociais para manifestação onde o status social se perde em meio ao espírito coletivo e um evento que merece o destaque e reconhecimento que possui no âmbito das artes e na academia.

Em sua tese, o professor e pesquisador Miguel Santa Brígida, escreve que o Carnaval “antes de ser uma festa, é uma data” (SANTA BRÍGIDA, 2006, p.39) estabelecida na Igreja Católica, na Idade Média. Dentre várias, a mais difundida é:

(...) a oficialização do carnaval pela igreja católica em 590 d.C, dando início ao carnaval cristão, que surgia como uma imposição da igreja, sacramentando o período do ano para a festa dos excessos, do descontrole coletivo, do riso cômico e da orgia desenfreada, definindo assim, o início da Quaresma. Estava inventado o CARNAVAL! (SANTA BRÍGIDA, 2006, p. 47, grifo do autor).

Seguindo este mesmo raciocínio, o antropólogo Roberto da Matta (1997) escreve que o Carnaval seria um alívio, excesso e abundância antes da penitência, abdição da carne e controle moral. O espírito do carnaval envolve sedução, luxúria, riso, alegria, cores, festa, tudo em doses *hiperbólicas*.

Um mecanismo hiperbólico no qual posso citar como característica é a inversão, que consiste em ser um “processo radical no sentido de realmente provocar um deslocamento completo de elementos de um domínio para o outro do qual esses elementos estão normalmente excluídos” (DA MATTA, 1997, p. 79-80). Homem vestido de mulher, mulher vestida de homem, tudo isso se torna comum no mecanismo da inversão. *Nessa época do ano, tudo é permitido!*

2.3 Os cordões

De início, o termo “carnaval” no Brasil serviu para designar as festas e passeios da elite, deixando o entrudo para as camadas populares. No entanto, essa situação com o passar dos anos foi perdendo força, até que no início do século XX, tudo virou carnaval, tendo como uma de suas manifestações mais populares, os cordões. Segundo Ferreira (2004):

produtos dos rituais religiosos afro-brasileiros, esses *cordões* nada mais eram que conjuntos predominantemente negros que se divertiam no carnaval sintetizando várias expressões de sua herança cultural (2004, p.281-282).

O nome cordão deriva das cordas que isolavam os brincantes para separar quem fazia parte da brincadeira. Eram considerados pelo discurso oficial da época manifestações perigosas, ligadas à marginalidade e costumavam tocar “batusques” de matriz africana. Segundo André Diniz “apresentavam personagens como os cantadores e dançarinos, os palhaços, a morte, os diabos, os reis, as rainhas, os sargentos, as baianas, os morcegos e os índios” (2008, p. 19). Mobilizavam seus integrantes na confecção de estandartes luxuosos para apresentar para a sociedade e identificar os mesmos.

Por uma tentativa de se inserir mais perante a sociedade da época, os cordões foram abandonando a característica agressiva e começaram a se ligar à outras formas de grupos carnavalescos. Os cordões atualmente ainda estão vivos, pulsantes nas bordas da cultura paraense, como por exemplo no Carnaval das Águas, que escrevo a seguir.

2.4 Carnaval das Águas

O Carnaval das Águas é uma manifestação cultural que existe a mais de 100 anos na região de Cametá. Se caracterizam por serem grupos de origem de camadas humildes desta região, e por contra própria, organizam, produzem e criam suas fantasias, figurinos, canções.

Figura 14 – Foto do Cordão Última Hora e cordão Majestades da Folia



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Na Figura 14, mostro uma das características que relaciona o carnaval dos cordões com o título da manifestação: a utilização de um barco em um trajeto carnavalesco no Rio Tocantins.

As brincadeiras e canções geralmente enfatizam temas de cunho social, em alguns casos. Tais dificuldades sociais acabaram originando alguns grupos e cordões, como irei destacar a seguir alguns deles, que são: Linguarudos do Santana e Cordão da Bicharada.

2.4.1 Linguarudos do Santana

Figura 15 – Foto os Linguarudos do Santana



Fonte: Acervo de Filipe Faraon, 2018.

Criado há cerca de 120 anos, o grupo Linguarudos de Santana surgiu com o intuito de criar críticas com gracejos em suas músicas e interpretações, o que fez com que se denominassem Linguarudos. O nome Santana faz referência ao rio Santana, localizado no rio Tocantins. Assim como outros cordões de mascarados da região, utilizam máscaras e figurinos feitos pelos próprios integrantes (Figura 15). Segundo os estudos do professor Coelho, uma associação foi criada em 2001 e registrada no município de Cametá para cuidar da documentação e acervo do grupo (COELHO, 2012, p. 101).

2.4.2. Cordão da Bicharada

Figura 16 – Foto do Cordão da Bicharada da Vila de Juaba, no Rio Furtado



Fonte: Autor, 2018

Criado por Zenóbio Gonçalves Ferreira, ou Mestre Zenóbio, o Cordão da Bicharada da Vila de Juaba foi fundado em 1975 influenciado pela criação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí e demais problemas que prejudicam o ecossistema da Amazônia paraense como poluição e desmatamento.

Foi nesse contexto que nomes como o conhecido Mestre Zenóbio, juntamente com um grupo de pessoas teve a ideia de criar uma espécie de Arca de Noé com figura de animais e bichos da floresta como: onça, tau, preguiça, jacaré, urubu, coelho, etc.; num total de aproximadamente 82 personagens retratando a destruição da natureza provocada pelos impactos da barragem de Tucuruí, no intuito de chamar a atenção da sociedade e principalmente governantes sobre a conclusão desses grandes projetos da região amazônica como foi o caso da UHT, Projeto Grande Carajás, o Porto de Barcarena, enfim, todas essas obras grandiosas que precisavam ser bem avaliadas para evitar certos impactos ruins para a população. (COELHO, 2012, p.103).

As primeiras apresentações do cordão aconteceram na Vila de Juaba, distrito do município de Cametá e ganhou destaque na mídia nacional, no programa Domingão do Faustão da Rede Globo (Coelho, 2012).

A Figura 16, é um *frame* de um registro audiovisual feito no contexto do projeto Cartografias Amazônicas, sobre a volta do Mestre Zenóbio e o Cordão da Bicharada. Fomos para Mocajuba, cidade vizinha de Cametá, e de lá para o rio dos Furtados, mais precisamente na comunidade Nossa Senhora das Graças, onde a Bicharada se apresenta, e o mestre Zenóbio empunhou o seu saxofone novamente tocando marchinhas. Na mesma viagem, concedi uma entrevista¹ para o Diário Online sobre a importância artística e cultural do cordão da Bicharada.

2.5 Cordão Última Hora do Tentém

Figura 17 – Foto do Cordão de Mascarados do Última Hora do Tentém



Fonte: acervo do autor, 2018.

O Cordão de Mascarados do Última Hora do Tentém (Figura 17) foi criado em 1934 por Cornélia Ranieri e seu irmão Atilio, descendentes de italianos que moravam na região do Tentém, inspirados nos cordões carnavalescos da época e na brincadeira do Zé Pereira. Desde a sua criação, o cordão encerrou suas atividades na década de 60, sendo reativado no início da década de 90. Suas origens não possuem quaisquer documentos visuais ou textuais. O passado deste cordão está todo guardado nas memórias individuais e coletivas dos membros e ex-membros. Logo, não é exagero que as entrevistas e material coletado através de fotografias,

¹ Matéria: https://www.diarioonline.com.br/_/noticia-337625-mestre-zenobio-comanda-festa-em-mocajuba.html Visualizado em 25 de Agosto de 2019.

vídeo e anotações de campo são de grande importância tanto para o campo das pesquisas sobre a cultura popular, como para o cordão.

A partir de agora, irei destacar duas pessoas importantes para o cordão: mestre Vital Batista, também conhecido como Vital 1 ou Engole Cobra; e Eulálio dos Santos, mestre Vital 2;

2.5.1 Vital 1: o Engole Cobra

Alchimedes Vital Batista, é uma figura bastante conhecida na cultura cametaense e nos rios e furos da região. Nascido em 28 de Abril de 1946. Assim como Mestre Zenóbio, Vital 1 cansado de ver os políticos se envolverem em casos de corrupção e a depredação do meio ambiente, fundou o grupo Engole Cobra em exatos 31 de Dezembro de 1990, na sua residência com 3 amigos. Para o mascote da banda (Figura 18), Vital 1 teve a ideia de criar um ser imaginário que seria um dinossauro voador, que por saber voar, não poderia ser pego. O dinossauro somente comia cobras, que seria o signo que representa os políticos corruptos.

Figura 18 – Foto da pintura à óleo de Vital 1, O Engole Cobra.



Fonte: Autor, 2018.

2.5.2 “Quem sabe é o *Meu-Cheiro*”: a invenção de uma tradição ribeirinha

Ao mesmo tempo que possui a banda Engole Cobra, Vital 1 é a pessoa que carrega em sua memória a origem do Cordão Última Hora, uma tradição ribeirinha. O historiador Eric Hobsbawm em seu livro “A invenção das tradições” escrito com Terence Ranger, discute o

papel da tradições que foram criadas de uma maneira difícil de identificar, como o conceito de tradição inventada.

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza de ritual ou simbólica, visam incultar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 2008, p.9).

A tradição inventada que Hobsbawn (2008) conceitua, possui também um valor simbólico, de coesão social ou de condições de admissão/pertencimento de comunidades artificiais ou reais.

No carnaval de 2017, perguntei para Vital 2 sobre as origens do Última Hora. E a resposta tanto de Vital 2 como sua esposa Ruth era “O Meu-Cheiro”. Pela proximidade, tanto Vital 1 como Vital 2 se apelidaram de *meu-cheiro*, que possui o mesmo significado de *xará*, pessoas que tem o mesmo nome ou apelido. Ao conversar com outras pessoas da região a resposta era a mesma, só Vital Batista sabia da origem do Última Hora. Consegui entrar em contato ele e fui a casa de Vital 1, localizada em uma pequena ilha bem próxima a Vila de Juaba, no rio Tocantins.

É uma pessoa difícil de ser encontrada. Não tem telefone residencial e não tem o hábito de andar com seu celular comprado recentemente. Também passa mais tempo fora de casa que dentro da mesma e dependendo do humor, finge que não está para evitar de ser encontrado.

Como já o conhecia de outros carnavais e viagens que o mesmo fez para a capital paraense, não foi difícil pedir uma atenção especial. Pessoalmente, Vital 1 é uma pessoa bastante comunicativa e gosta de falar e ser ouvido. Fui com a intenção de fazer várias perguntas, e somente uma demorou horas para ser respondida: “Como e quando surgiu o cordão Última Hora?”. Esta pergunta norteou a entrevista toda, fazendo com que a resposta a ela tivesse mais de uma hora de duração. Obviamente, a resposta passou por várias partes e outras perguntas complementares foram feitas. Ele falou da infância, de quando foi para Belém com o intuito de estudar no colégio estadual Paes de Carvalho, sobre o seu primeiro emprego em embarcações, sobre a época na qual começou a brincar carnaval e etc. Vital 1 conta que começou a participar das brincadeiras através do cordão Reis da Brincadeira, quarto

cordão criado na região do Tentém quando ainda era adolescente. Para tentar entrar no cordão, ele lembra que era exigido criar uma comédia a fim de que se medisse desenvoltura necessária para participar da festa.

Eu tinha 17 anos. Ai naquele tempo gente se preparava, fazia comédia da gente, quem tinha o prestígio de fazer e se apresentava pro chefe do cordão pra você conseguir uma vaga pra dançar no cordão. Ai eu fui apresentado pra um colega que era brincante, que tinha o dom né, conhecia o Garcia que era chefe do cordão e me apresentou. Eu era o único jovem na época, lá só era homem de família que brincava desse negócio. Ai o chefão me chamou pra ouvir a comédia que eu tinha pra falar. Ai o cara me chamou e falou, “fala os teus versos aqui pra mim”. Foi o coringa daquele ano, a comédia que eu fiz. (Entrevista realizada em 06 de Março de 2017).

Ao mencionar a primeira vez em que ouviu sobre o Última Hora, Vital 1 era criança e tinha medo das máscaras em forma de careta. Na época em que o cordão foi fundado, o mesmo ainda não era nascido, mas durante a sua juventude tinha a curiosidade de escutar o que os adultos da época falavam sobre o passado.

Olha o Última Hora, tem um histórico. O Última Hora não fui eu quem fundei. Eu reativei. Depois de 3 décadas parado. O Última Hora é daquele tempo que a criançada tinha medo de careta. Eu ainda cheguei a ver o Última Hora verdadeiro. Ai com medo da careta eu ficava por ali me escondendo, né?! Era um cordão muito bonito. Mas aí, num sei com quanto tempo, eu não sei com quanto tempo o Última Hora original existiu, sei que eu conheci ele vendo, como medo de careta. (Entrevista realizada em 06 de Março de 2017).

Os fundadores do cordão, já faleceram e seus descendentes não moram mais no rio Tocantins. Vital os chama de Tia Cornélia e tio Atílio. Os dois decidiram fazer uma surpresa de aniversário de um ano para o filho de um dos seus amigos, apelidado de *Soldado* por ter lutado na Segunda Guerra Mundial. A divisão foi que cinco homens e cinco mulheres com máscaras feita de argila e papel saíram às seis horas da noite em direção ao aniversário.

Quando foi umas 6h da tarde se prepararam, as mulheres se vestiram de homem e os homens de mulher na época. Foi tia Júlia, tia Cornélia, Finóca, Atílio, se não me engano um tal de Jozico, filho do velho Gregório, eu não sei de todos na época. Eles embarcaram e casco grande, do remo ainda né. Deixaram escurecer e encostaram na boca do Igarapé que ficava logo ali da casa que ia ser o evento. Deixaram acontecer a reza. Naquele tempo vinha o chocolate com café, farinha de tapioca, servia pra galera e tal, e começava a festa. Tocava o Samba de Cacete. Ai deram a primeira fornada, chamavam de fornada. Ai eles chegaram devagar. Na segunda fornada eles

ingressaram no salão. Os mascarados vestidos com roupa normal assim mesmo, não era fantasiado. Os homens de mulher e mulher de homem, aí dançaram a fornada né, abraçando todo mundo. Aí terminaram tudo, cumprimentaram o pai da criança, se despediram e foram embora. (Entrevista realizada em 06 de Março de 2017).

Vital 1 conta que na comunidade após a festa, as pessoas ficaram indagando quem eram os mascarados que foram fazer tal surpresa? O grupo de amigos mascarados souberam da recepção positiva do acontecimento, então Cornélia Ranieri decidiu que essa celebração deveria continuar. Como era no mês de fevereiro na época, a mesma convidou uns amigos, e saíram a barco pelo rio Tocantins mascarados, tocando o Samba de Cacete². No ano seguinte decidiram criar o cordão para sair na quadra carnavalesca. Vital 1 conta:

E o nome? “Última Hora” por causa que eles saíram no primeiro ano na última semana do carnaval. Se for bonito, bonito e bem bacana as pessoas vão falar “puxa, imagina se não fosse na última hora, né?!” E se for avacalhado, não tem problema porque foi tudo na última hora. E de lá seguiu não sei quantos anos. (Entrevista realizada em 06 de Março de 2017).

Após isso, o cordão seguiu se apresentando nos afluentes do rio Tocantins e a partir daquele momento, uma tradição foi inventada no carnaval do rio Tentém. Três décadas depois, o já famoso na região Vital Batista, cansado de ajudar outras agremiações, decidiu ter o seu cordão.

Poxa, eu e mais uns colegas, como é que a gente faz um carnaval em outro lugar e todo mundo diz por quê nós não fazemos o nosso cordão? Nós sai da nossa comunidade servir outro cordão. Quando foi no ano de 1990, não, 1989. Eles faziam brincadeira ali no Tentém, dos mascarados, pintados com carvão. De papelão, batendo lata, aí o pessoal chamava e davam cruzeiro, naquele tempo era cruzeiro o dinheiro. Aí eu comecei a me doar com aquilo. Então eu falei: “Eu vou reativar o “Última Hora” “. (Entrevista realizada em 06 de Março de 2017).

² Samba de cacete é uma palavra que, segundo Coelho (2012), é originária da palavra “Semba” da língua de Luanda, que significa *umbigada*, por outro lado, a palavra “cacete” é usada pela semelhança com os dois cacetinhos utilizados na marcação de trás do tambor. O ritmo foi trazido pelos escravos para a Vila de Juaba, onde atualmente existem diversos quilombos. Alguns dizem que o Samba de Cacete é muito parecido com o Lundun africano. É um ritmo que começa lento e evolui gradativamente até ficar bastante intenso.

2.5.3 A volta do Última Hora

Figura 19 – Foto do Vital 1, liderando o Cordão Última Hora



Fonte: Viviane Menna Barreto, 2005.

Quando decidiu reativar o cordão, Vital 1 estava assistindo a uma apresentação do cordão dos Príncipes Foliões, quando viu um jovem participando das comédias e notou um talento especial nele.

Voltando pra 89, com toda essa peregrinação que eu fiz, o Vital 2 participou do “Príncipes Foliões” como palhaço. Ai eu olhando, eu vi “Essa cara tem alguma coisa de bom como mascarado”. Como eu já tinha meus 30 e poucos anos e ele tinha lá pelos 19, eu convidei ele. Muito mais jovem que eu, porque quando eu saísse ele teria muito mais condições de assumir. (Entrevista realizada em 06 de Março de 2017).

Assim que achou a pessoa certa para junto com ele tocar o cordão, o Última Hora estava reativado, em caráter juvenil primeiramente. Vital 1 chegou a criar um regimento escrito. Durante a entrevista pedi pra ele procurar, mas ele não o quis. No documento

constavam os dizeres de como o cordão deveria funcionar, um deles fez com que Vital 1 decidisse abandonar o cordão: A inclusão feminina.

2.5.4 Bloco x Cordão

Assim que reativou o cordão, o grupo consistia em 12 brincantes homens vestidos com roupas do sexo masculino e 12 homens vestidos de mulher, para dançar e apresentar as comédias.

O termo tradição é uma palavra na qual Vital 1 constantemente repete na entrevista por ter rompido com Vital 2. Para ele faz parte da tradição dos cordões de mascarados ser apenas homens. Ao acrescentar mulheres, segundo seu raciocínio, virou bloco. No contexto histórico do carnaval, os blocos assim como os ranchos se tornaram sinônimo das festas da elite, e os cordões da camada popular. Entretanto, para Vital 1, estes dois conceitos possuem outro sentido no contexto do carnaval local.

Porquê eu sou contra agora. Contra o meu parceiro. Porquê tradição é tradição. Mudança, pode mudar. Agora quando se muda pra melhor. Porquê o cordão de mascarados original, que era aqui da nossa quadra não envolvia mulher. Bloco é uma coisa, cordão é outra. (Entrevista realizada em 06 de Março de 2017).

Portanto, percebo durante a entrevista que essa tradição e até mesmo o conceito de bloco e cordão na visão de Vital 1, é algo relacionado ao lugar, aos costumes de um lugar e uma época. Para Hobsbawm existe uma diferença clara entre tradição e costume. O costume não pode ser “invariável” (HOBSBAWM, 2008, p. 10) porquê nem nas sociedades mais conservadoras e tradicionais ele não o é. Mesmo na comunidade do Tentém, os costumes foram modificando com o passar do tempo, e pessoas mais novas, como Vital 2, acabaram aderindo novas práticas de se socializar com outros brincantes.

2.6 O Última Hora atualmente

O cordão desde que foi reativado, segue a tradição de sair todo carnaval pelo afluentes do rio Tocantins. O Última Hora atualmente conta com aproximadamente 50 brincantes, número que se modifica de um carnaval para outro. Com a saída de Vital 1, a responsabilidade de continuar a brincadeira do cordão foi para Vital 2.

2.7 Vital 2

Eulálio Tenório dos Santos, 54 anos, conhecido como Vital 2, é pescador e também se ocupa viajando pelo rio Tocantins comprando e vendendo mercadorias de tipos diversos. Após ganhar notoriedade na região como um grande ator e *comediário*, chamou a atenção de Vital 1 que enfim, o chamou para o cordão Última Hora. Por ser considerado o “herdeiro cultural” de Vital Batista - o Vital 1, o mesmo ganhou o apelido de Vital 2, como é conhecido na região.

Figura 20 – Foto de Vital 2, em entrevista no carnaval de 2014



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Ao contrário de seu *xará*, Vital 2 quando não está brincando no carnaval é bastante tímido. De poucas palavras, responde o que ele acha ser necessário. Mas quando a assunto é o carnaval, o mesmo se transforma. Começou a brincar no carnaval de rios desde jovem, com 10 anos, em uma época que não era hábito criança se travestir. Após muita insistência perante o seu pai, Antônio Tenório dos Santos, o jovem Eulálio conseguiu ir vestido de mulher brincar no cordão os Reis da Brincadeira, como ele recorda:

Quando eu comecei a brincar carnaval era nos Reis da Brincadeira. Era pequenino, uns 10 anos. Papai já brincava pra lá. Era ele, meu cheiro, Lucival Garcia, Ney Batista que já se foi. Ai nesse negócio eu me influi. Naquele tempo não tinha de menor, né?! Eu disse “Não, mas eu quero, quero ir”. Ai ele pegou e falou com o Manelão, que era o chefe dos Reis da Brincadeira naquele tempo. Ai o Manelão disse: “Pode trazer!”. Ai eu me

preparei de menina. Ajeitei minha sainha e o pau trincou nos reis da brincadeira.

(Entrevista realizada em 23 de Fevereiro de 2014).

O carnaval para a família de Vital 2, é algo que se passa de geração para geração. Ao assumir o Última Hora, a ajuda dos filhos e da esposa Ruth se tornou fundamental para o cordão continuar funcionando, bem como a de seus sobrinhos Gerson e Jerry dos Santos.

2.7.1 O sentimento coletivo do TenTém

Junto com a família de Eulálio, a comunidade tem papel fundamental na hora do carnaval. O sentimento de coletividade acaba sobrepondo o da individualidade. Segundo o filósofo Michel Maffesoli (1986) “é por meio do coletivo que cada um evolve, e um tal evoluir irriga o bem estar comum” (p.339-340).

Esse sentimento coletivo no carnaval é determinante na região do rio Tocantins, apontando um caráter de *socialidade* dentre a comunidade. Socialidade *em Maffesoli* “designa a expressão da força social em sua capacidade de aglutinar os indivíduos” (GIOFESI, 1997, p. 1). Aglutinar no sentido de querer estar perto, de querer pertencer a grupos através de afetos, interesses em comum.

Os ribeirinhos do rio Tocantins visitam com frequência seus vizinhos ou amigos habitantes da região. Existe um sentimento de preocupação, de querer saber se tudo está bem com o outro. Também é normal a participação e ajuda de cordões vizinhos em trajetos e comédias, tanto em composições como atuações. Mestre Vital 2 costuma ajudar bastante o cordão Majestades da Folia do rio Mutuacá.

Esta interação social, vontade de estar perto, também é latente nas relações sociais entre a comunidade e o cordão Última Hora. Vital 2 promove uma interação social na comunidade, e “cria, através da festa, uma espécie de “*intervallus mundis*” na ordem mundial, da vida cotidiana, rompendo assim, com o *continuum* de sua vida diária” (SANTA BRÍGIDA, 2006, p. 37).

Eles vem brincar com nós de lá, faz a comedia aqui, ele fez três comedias, ele nos ajuda bastante e no que eu posso ajudar eles lá eu ajudo, o barco

*ofereci pra ele ontem, mas ele já fez um pacote com outro barco lá.
(Entrevista realizada em 01 de Março de 2019).*

O Última Hora sendo um grupo criado por uma descendente de italianos, portanto, acaba sendo propício, no meu ponto de vista, comparar a tradição das comédias e personagens com a *Commedia dell' Arte*. A mesma possui esse nome por ter sido uma arte popular surgida na Itália, no século XVI período do Renascimento, onde grupo de atores/comediantes profissionais dominavam a arte de representar, que mais tarde ficou conhecida como Comédia da Arte. Outro marco importante deixado por essa arte, foi a profissionalização dos atores, o que fez com que artistas de rua se aproximassem com a nobreza de príncipes e reis (SANTA BRÍGIDA, 2006, p. 54).

Para Vital 2, o ideal de participantes na comédia e brincadeira são 20 homens e 20 mulheres, até por causa do controle e direção das apresentações. O mesmo possui uma lista onde contém o número de telefone de quem tem ou a localização para ir na residência do brincante solicitar sua participação na festa. As pessoas do sexo masculino, mesmo se forem menores de idade, geralmente possuem passe livre para brincar. Com relação às moças, é preciso Vital 2 ir pessoalmente conversar com o pai ou a mãe para convence-los a deixar a filha brincar. Segundo suas palavras:

*Porque o senhor sabe, sabe meninas é sempre mais difícil né? Os pais não deixam, os pequenos não, tem uns que se governam, já vai por conta própria, não tem nada a ver com o pai, aqui de frente tem uma menina que tá querendo brincar desde a primeira partida que a gente saiu, mas o pai não tá deixando, esse que é o problema da mulher né pro homem.
(Entrevista realizada em 01 de Março de 2019).*

O cordão costuma se apresentar para as comunidades com agendamento prévio, ou algumas vezes podendo responder às chamadas de pessoas de suas residências durante um trajeto, entretanto, Vital 2 se comunica por telefone celular ou visita as casas dos moradores para saber com antecedência quem irá contratar a apresentação do cordão. O agendamento, assim como as comédias e os demais preparativos do cordão para Carnaval, começam entre Novembro e Dezembro.

2.7.2 Personagens do Cordão

*“Digno senhor Proprietário e Assistência Geral
Em frente a sua porta está o cordão de mascarados Última Hora
Este sim veio para alegrar toda a gente
Preciso de sua permissão para me adentrar
E se expandir no seu maravilhoso salão*

*Quando o Última Hora chega, é pra levantar poeira
Alô, minha bandinha
Vamos homenagear o fundador do Carnaval
O Zé Pereira³”*

Com essas palavras, o 1º palhaço pede licença e acena para o cordão começar as brincadeiras nas residências. Através de batidas com uma das bandeiras no chão de madeira das residências, ele marca o compasso para cada marchinha e também chama a atenção do cordão e da platéia para momentos importantes da apresentação. Com exceção das bailarinas, todos são mascarados. Vital 2 organiza os personagens do cordão baseados na tradição do grupo e cria as comédias em função desses personagens (Figura 20). Eles são: *1º Palhaço, 2º Palhaço, Psiqureiro, O Velho e a Velha e os Comediários.*

³ Felipe Ferreira (2004) cita que historiadores do carnaval como Eneida de Moraes, Hiram Araújo e Luiz Edmundo, escreveram que um senhor chamado José Nogueira teria desfilado pelo Rio de Janeiro tocando um bumbo no período do carnaval nos século XIX, logo, o nome Zé Pereira teria sido inspirado no nome de José Nogueira. Ferreira também diz: “Fala-se que o costume teria vindo de Portugal, onde grupos chamados de zé pereiras, composto de rapazes tocando bumbos, desfilavam durante os dias de carnaval, principalmente nas pequenas aldeias do Norte do País” (FERREIRA, 2004, p.209), entretanto, nenhuma dessas versões foram comprovadas. Posteriormente, o termo “zé pereira” significaria qualquer grupo barulhento que se apresentaria durante o carnaval com tambores e bastante alegria.

Figura 21 – Foto do Cordão Última Hora após uma apresentação



Fonte: Acervo de Paulo Castro, 2019

1º Palhaço: Tem a função de comandar o cordão. É o primeiro na hierarquia das apresentações e sempre o responsável por pedir licença para o dono ou dona da casa para entrar na residência e o cordão se apresentar. Após ganhar a licença, ele comunica o restante do cordão que o grupo ganhou a permissão para entrar na residência.

2º Palhaço: É o segundo na hierarquia, é uma espécie de assistente do 1º palhaço durante as apresentações.

Psiqueiro: Personagem que consiste em apenas jogar a *psica*, o azar, a negatividade, tudo de uma forma cômica para em vários momentos provocar o riso na platéia.

O Velho e a Velha: Possuem a mesma função de atrapalhar as comédias do Psiqueiro, entretanto uma importância simbólica maior para o cordão por serem personagens mais tradicionais do carnaval brasileiro.

Comediários: Brincantes que geralmente são um casal que interagem na maior parte das apresentações, geralmente como um flerte entre o personagem do sexo masculino e feminino. O personagem do travesti também foi incluso na brincadeira como *comediário*.

Bandinha: São pessoas da comunidade do Tentém, que utilizam instrumentos percussivos, de metais e sopro tocando marchinhas de Carnaval.

Para dar suporte e um caráter visualmente artístico e simbólico, que consequentemente faz parte da identidade do cordão, Vital 2 cria em sua casa todos os itens responsáveis pela visualidade artística e estética do cordão. No próximo trajeto deste trabalho, irei detalhar o processo deste artista.

TRAJETO



**O ARTÍFICE:
A ARTE DE VITAL 2**

3º TRAJETO – O ARTÍFICE: A ARTE DE VITAL 2

Neste momento da viagem, a pesquisa “sobre” Artes ganha destaque. É o momento no qual pretendo detalhar, com trechos de entrevistas com Mestre Vital 2, o seu processo criativo. Suas habilidades adquiridas através da cultura ribeirinha, seu local de trabalho, ferramentas e como ele é o responsável pela identidade artística do cordão.

3.1 Habilidade artesanal⁴ do artífice

Sem formação formal em artes, é importante frisar que Vital 2 adquiriu toda a sua competência por meio do processo na tentativa e erro costumeiro ao que artistas enfrentam. Ele desenvolveu uma técnica própria de como pensar e criar coisas, como suas máscaras e estandartes (Figura 22).

Richard Sennet (2013) desenvolve o conceito de habilidade artesanal, que consiste em ser “um impulso humano básico e permanente, um desejo de um trabalho bem feito por si mesmo” (SENNET, 2013, p. 19). A habilidade artesanal está em todas as atividades manuais feitas pelo mundo, como as do médico, as do programador e as do artista Vital 2.

O “desejo de um trabalho bem feito por si mesmo” (SENNET, 2013, p. 19) relacionado aos processos de criação dos itens do cordão, está intrinsicamente ligado à cultura familiar e a da comunidade do TenTém. Um grande exemplo das habilidades de Vital 2 é que ele se torna carpinteiro no momento que constrói seus barcos, é *luthier*⁵ quando faz manutenção de alguns instrumentos percussivos da banda de apoio, é artista visual quando cria e desenvolve técnicas próprias para construção das máscaras, do estandarte e da pintura das letras do barco. Não é a toa que Vital 2 possui a alcunha de *mestre* na região.

Em vários momentos nas pesquisas de campo, observava como as pessoas em diversas situações cumprimentavam Vital 2 com respeito e acima de tudo admiração. E isso ocorre em diversos locais do rio Tocantins, seja no município de Cametá, como em Juaba ou na própria comunidade do Tentém. Ser mestre na cultura ribeirinha significa possuir habilidades artesanais implícitas nos processos de criação de diversas linguagens plásticas ou visuais, fazendo com que a pessoa seja referência perante a cultura local. Vital 2 desenvolve

⁴ Nesta dissertação, a palavra “artesanal” não é uma discussão entre artes maiores e menores, e sim o conceito abordado por Richard Sennet (2013) a cerca a excelência do trabalho manual.

⁵ Profissional responsável pela fabricação e manutenção de instrumentos musicais.

suas habilidades em sua residência, que também funciona como seu espaço de oficina, ou mesmo de atelier.

Figura 22 – Foto de Vital 2 criando as máscaras do cordão Última Hora.



Fonte: Acervo do autor, 2014.

3.2 Mestre Vital 2: Sua Oficina

A casa de Vital 2, localizada no rio Tentém, é onde a excelência do sua arte para o cordão é desenvolvida. Como mostro na Figura 22, sua residência possui um trapiche para fazer conexão rio/residência. Do lado esquerdo e direito é possível ver o espaço onde ele estaciona os seus barcos e cascos. Ao lado do trapiche existe um banheiro e uma caixa d'água.

Ao entrar, há uma varanda, onde geralmente os moradores e convidados se reúnem. Adiante, está localizada a sala de estar. Nesses dois espaços da casa são onde Vital 2 exerce sua função de criador.

Figura 22 – Foto da casa de Vital 2



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Figura 23 – Frame de Vital 2 em sua sala



Fonte: Acervo do Autor, 2019.

A Figura 23, revela um momento descontraído da última entrevista que fiz com o Mestre Vital 2. Ele estava sentado em um banco, e ao seu lado expôs o estandarte do cordão. A cena se situa em um ambiente familiar repleto de referências visuais dos gestos e “coisas” do cotidiano familiar, como a decoração realizada por Ruth, esposa de Vital 2, composta por

flores artificiais de plásticos da cor branca, os tecidos que revestem as prateleiras de cor verde intensa, a luminária também da cor verde, integrando-se à *cromaticidade* intensa do verde.

Figura 24 – Foto de Vital 2 em sua sala/oficina consertando pandeiro



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Na Figura 24, Vital 2 aparece com um de seus filhos Rafael, que o está ajudando no conserto do pandeiro. Nesta imagem, Vital 2 exerce sua função de Mestre e seu filho Rafael de aprendiz, enquanto o mestre conserta a caixa de bateria, o aprendiz ajuda entregando parafusos, ferramentas e olhando atentamente o Mestre preparar o instrumento para o Carnaval.

A seguir, escrevo sobre os três elementos que Vital 2 cria artisticamente e fazem parte da plasticidade do Cordão: o Estandarte; o Barco Nossa Sra. Das Graças e as Máscaras.

3.3 O Estandarte do Cordão Última Hora

O estandarte possui uma estreita relação com o diversos tipos de manifestações culturais pelo mundo, como no carnaval brasileiro. Segundo o pesquisador Hugo Vandr  da Silva:

O estandarte por defini o   uma bandeira e por tanto remonta ao surgimento e uso efetivo delas desde que se tem notícia na antiguidade. Podemos supor como suas primeiras apari es as “procissões” egípcias, fenícias e gregas e mais ainda os cortejos militares de comemora o das vitórias durante o Império Romano (DA SILVA, 2016, p. 54).

No Brasil, a apari o do estandarte se remete ao Brasil Col nia, nas procissões de grupos discriminados, negros e escravos por exemplo, ligados   Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia. Era um item indispensável entre os primeiros cordões carnavalescos do Brasil. Nesta época, existia a figura do porta-estandarte, que atualmente não   tão recorrente em espetáculos carnavalescos como   no carnaval carioca, mas que ainda possui espaço no cordão última Hora.

A fun o de porta-estandarte no cordão   rotativa entre as bailarinas. Sempre alguma bailarina fica com essa fun o, entretanto a decisão de quem irá possuir essa fun o   decidida na véspera do trajeto.

O estandarte tem como fun o identificar o cordão pelo nome e pela men o   localidade, assim como os signos artísticos contidos no mesmo ajudam a reconhecer e criar uma identidade. Neste caso irei analisar o estandarte atual, apresentado na Figura 25, criado para o carnaval de 2019.

Figura 25 – Foto do estandarte de 2019 do Cordão Última Hora



Fonte: Acervo do Autor, 2014.

3.3.1 Análise dos elementos do estandarte

A partir deste momento, analiso os elementos que constituem o estandarte do cordão Última Hora. Nesta criação, Vital 2 utiliza mais uma de suas qualidades como artista visual, onde é possível encontrar diversos signos visuais que representam e identificam visualmente o cordão seja nos *rios avenidas* como nas residências.

Para analisar, utilizo os estudos de Martine Joly no livro intitulado *Introdução à Análise da Imagem* no qual a pesquisadora destaca três eixos plásticos que utilizarei nesta interpretação para leitura da imagem, neste caso: formas, composição e cores (JOLY, 2015).

A forma predominante é o círculo levemente distorcido, no qual preenche a maior parte do estandarte, representando um relógio. Existem formas que lembram retângulos distorcidos, como as flâmulas no topo do estandarte e os elementos que se localizam atrás da palavra “cordão” e “rio TenTém”.

O “elemento dinâmico da obra” (JOLY, 2015, p. 65), a composição deste estandarte se caracteriza por possuir um relógio no centro, com números e ponteiros mostrando o que seriam seis horas em ponto. O rosto no interior do relógio, com bigode e a língua para fora fazem referência às máscaras de carnaval feita por Vital 2. As letras possuem características cursivas. No topo, dois elementos decorativos: uma flor, e duas flâmulas. Os materiais usados foram pano de algodão, franja de fio douradas, *festão* de Natal como elemento decorativo externo, junto ao bastão de madeira, bordado inglês com passa fita e fitilho. Lantejoulas e purpurinas também foram utilizadas na decoração.

As cores possuem um valor simbólico e artístico. Segundo o próprio Vital 2, “O estandarte, as cores que tem aqui tudo tem uma história, o verde, representa a nossa mata, o amarelo, o ouro do nosso Brasil, vermelho de carnaval, tem tipo uma historia.” (Entrevista realizada em 01 de Março de 2019). Além destas cores, ainda existe a cor rosa utilizada em tom degradê.

As cores foram aplicadas de maneira uniforme, chapada, com exceção dos elementos na parte superior na rosa e nas folhas e na língua do rosto em destaque no centro do relógio. Na página seguinte, encontra-se um Infográfico Ilustrativo sobre o estandarte, onde destaca os elementos materiais usados que compõem a visualidade (em especial a cor) e seus símbolos.

Figura 26 - Infográfico Estandarte Cordão Última Hora

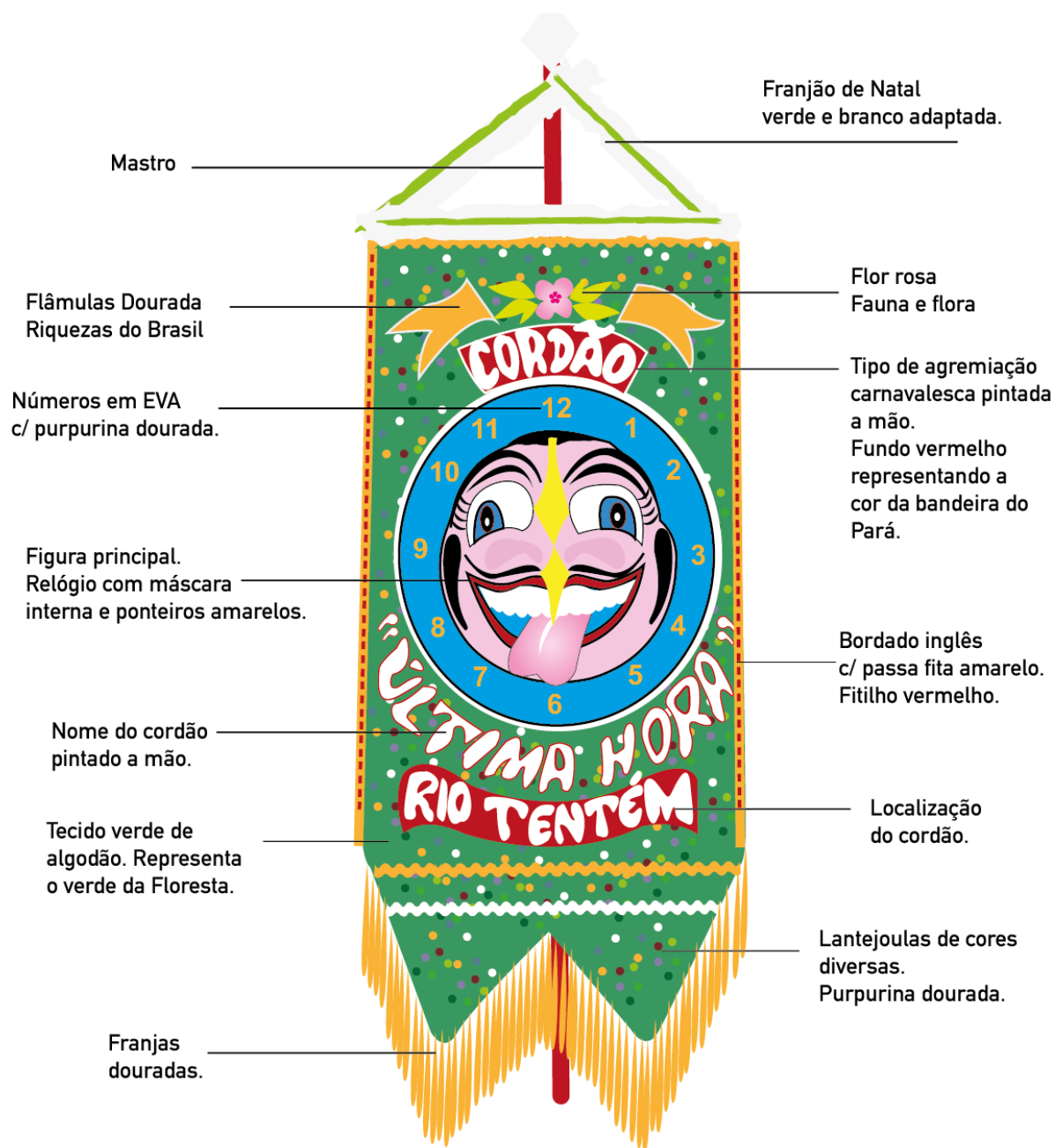


Ilustração: Renan d'Oliveira

Fonte: Autor, 2019.

No estandarte se percebe a criatividade que Vital 2 tem como o material do cordão. Sabendo da importância da representação e do simbolismo contidos neste estandarte, ele não poupa em detalhes e materiais.

A seguir, o trabalho se direciona para a apresentação do Barco Nossa Sra. Das Graças.

3.4 O barco Nossa Sra. Das Graças

Os barcos ribeirinhos como cita Loureiro, “constituem um elemento de grande força na visualidade amazônica”(LOUREIRO, 2015, p.192). Possuem inúmeras funções e uma característica estética que revela um pouco da visualidade da cultura paraense.

O barco há muito tempo é usado em eventos com características semelhantes ao do carnaval. Cito uma festa que era localizada no antigo Egito, em homenagem a deusa Ísis, deusa da castidade. O objetivo final do ritual era levar uma espécie de navio sobre rodas e lançar ao mar como uma oferenda a deusa. O nome da festa era *Navigium Isidis* ou *Barco Ísis*.

Na civilização egípcia, Ísis era uma jovem bela e sedutora deusa protetora da natureza, e seu culto continha também o significado de honra à grande mãe, composto de uma parte secreta somente para iniciados e uma parte mais festiva, onde o coletivo se manifestava pelo entusiasmo do canto e da dança celebrando a natureza, a fertilidade e as colheitas. Realizado na primavera, esse culto constituía-se em uma das mais importantes celebrações dos povos antigos, projetando para as demais civilizações a riqueza dessa herança mitológica do carnaval como uma das mais fortes de suas raízes. (SANTA BRÍGIDA, 2006, p. 42)

Portanto, os barcos não são novidade em festa que envolvem a cultura do carnaval. Vital 2 e Ruth batizaram o barco de sua propriedade como Nossa Sra. Das Graças⁶, em homenagem à santa da igreja católica na qual os mesmos depositam sua fé.

Segundo o Mestre Vital 2, existe um tipo de barco empregado durante o carnaval. Os barcos são de modelo lancha, e possuem 15m de comprimento e 3,5m de largura.

⁶ Assim como Nossa Sra. Da Conceição e Nossa sra. Dos Navegantes, a mesma possui sincretismo nas religiões afro-descendentes com Iemanjá, orixá dos oceanos e Mãe dos Orixás.

Tem que ter um modelo assim, que nem esse nosso aqui, se for aberto sem parede, melhor ainda, porque se a música for dentro, eles tão tocando destaca mais, se for bem fechado a música fica só lá dentro.(Entrevista realizada em 01 de Março de 2019).

É um barco que possui a função de transportar pessoas pelos rios, mas também a de engrandecer a estética visual da paisagem ribeirinha do rio Tocantins ao fazer o trajeto carnavalesco do Última Hora pelo rio Tocantins e, também, pelo característico estilo de letra que o mesmo carrega.

Figura 27- Foto do barco Nossa Sra. Das Graças



Fonte: Acervo do autor, 2017.

As letras de barco da Amazônia paraense já são fontes de inúmeros estudos nos últimos anos, como o de Fernanda Martins (2008) e Paes Loureiro (2015). Este último cita que os barcos amazônicos ao possuírem essa predominância da cor branca, eles são como uma “tela” ou “suporte pictórico moventes boiando ao longos dos rios” (2015, p.192).

Figura 28 – Foto do barco Nossa Sra. Das Graças estacionado no trapiche da casa de Vital 2.



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Figura 29 – Foto das letras do barco Nossa Sra. Das Graças.



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Tais letras, são signos flutuantes que ajudam não só na comunicação visual do barco com o observador, mas transmitem artisticamente a estética de uma cultura ribeirinha.

Para identificar os barcos, Mestre Vital 2 normalmente desenha as letras com o nome dos barcos e pinta os mesmos com tinta à óleo (Figura 27). Nota-se que ao pintar a letra, o Mestre Vital 2 utilizou cores amarelas na parte superior, preta na inferior, e azul e vermelha no fundo, simulando uma estética tridimensional. Nas abreviações, utilizou tintas pretas e usou de uma letra mais limpas. É possível ver também uma característica importante desses tipos de letras da Amazônia, que é a utilização predominante de caracteres maiúsculos.

Previamente, ele utiliza lápis e régua para poder escrever, sem fazer qualquer estudo prévio. Função similar ao de um Abridor de Letras.

Na cultura ribeirinha paraense, existem profissionais que são conhecidos pelo nome de Abridores de Letras, que são artistas que além de pintar diversos cartazes, comércios e faixas inseridas da cultura popular, tem como especialidade escrever nomes em embarcações.

Apesar de utilizar em determinados momentos essa técnica, Vital 2 não pode ser considerado um abridor de letra, pois não tem o mesmo como profissão, mas utiliza da mesma poética artística e técnica para agregar visualidade em seus cascos.

A seguir, o trabalho se direciona para a análise das máscaras do cordão Última Hora.

3.5 As Máscaras

As máscaras são o item do figurino indispensável no carnaval do Última Hora. Possuem um poder simbólico fascinante e também transgressor. Um microcosmo bem organizado que tem como uma grande característica fazer com que o indivíduo que a usa, se torne um anônimo.

A máscara permite igualmente transcender o nosso papel no mundo diário; ou melhor, os nossos papéis do mundo diário. Se todos os dias somos obrigados a ser homens, pais, irmãos, amigos, professores, operários, padeiros, costureiras, donas de casa, etc... Se todos os dias o nosso rosto no espelho não muda, se todos os dias somos a mesma coisa que acaba envelhecendo, com o uso da máscara, podemos experimentar novos seres e novas caras (DA MATTA, 1981, p. 75-79).

3.5.1 As Máscaras na cultura popular e no carnaval

A utilização de máscaras em festas populares possuem inúmeras fontes, como a festa do Barco Ísis citado anteriormente, mas também na Grécia antiga, nos teatros cômicos ritualísticos, como no século V, época de Sófocles e Eurípedes, também época do famoso vaso de Pronomos. Nele estão figurados personagens que trazem consigo máscaras com referência ao deus Dionísio.

Este, por sua vez, é uma figura de simbologia ímpar nos estudos sobre o tema do carnaval. Dionísio, “representava a desestruturação da ordem, a alteração da rotina diária, a volúpia da libido e a explosão da sexualidade pela orgia coletiva, promovendo a instauração do caos” (SANTA BRÍDIGA, 2019, p. 49).

Indo adiante, também cito os bailes de mascarados *importados* pelo Brasil da Europa, mais precisamente da França, no século XIX, onde personagens como Pierrot, oriundos da *Commedia Del'Arte* (citada anteriormente neste trabalho), começaram a se

popularizar no Brasil e posteriormente, acabou se tornando figura item indispensável dos bailes carnavalescos.

3.5.2 Signo itinerante ribeirinho

As máscaras no cordão Última Hora são usadas apenas pelos brincantes de sexo masculino. Uma grande parte das mesmas são máscaras feitas há mais de 20 anos por Vital 2, ou adaptações de máscaras vendidas comercialmente que Vital 2 toma a liberdade de customizar. Como na Figura 30, na qual pode se ver um mascarado utilizando uma máscara feita por Vital 2 na esquerda e na direita uma máscara de plástico da História em Quadrinhos/Filme *V de Vingança*.

Figura 30 – Foto dos mascarados do Cordão Última Hora.



Fonte: Acervo do autor, 2017.

As máscaras fazem parte de uma tradição não só do Cordão Última ou do Carnaval das Águas, mas da comunidade. Através delas os habitantes e entusiastas do carnaval ribeirinho conseguem fazer uma conexão com uma tradição secular, na qual a maioria das pessoas da comunidade viveram intensamente em algum momento de suas vidas.

É mais um signo ribeirinho itinerante, que se desloca em conjunto com seu usuário pelos rios identificando carnaval, festa, riso e alegria e representa toda a cultura de uma comunidade.

(...) o uso da máscara é essencial, determinando o caráter dos personagens, lembrando a história da comunidade, as ações corretas e incorretas, o bem e o mal. O nosso folclore, movimentado e plástico, utiliza a fantasia e a máscara, conjunto magnífico de persona, capaz de comover a comunidade da qual nasce e com a qual convive ciclicamente, anualmente, numa ação e comportamento vinculados a uma longa tradição. (KLINTOWITZ, 1986, p. 17).

3.5.3 A Criação das Máscaras por Vital 2

Vital não se lembra da primeira máscara que ele criou, mas possui uma grande coleção das mesmas. Fora do período carnavalesco, é rotineiro as máscaras estarem como decoração em sua sala e no trapiche de sua casa/oficina como mostra a Figura 30.

Figura 31 – Foto das máscaras na sala da casa/oficina de Vital 2.



Fonte: Acervo do autor, 2017

Vital 2 possui duas técnicas para a construção de suas máscaras. A primeira, mais antiga, ele faz com argila, papel e goma de tapioca, até mesmo cimento para dar mais consistência, como mostra a Figura 31, o molde da máscara já feito e esperando o material

secar. Um exemplo é a máscara que ele chama de capacete, que é utilizada pelo primeiro e segundo palhaço, como mostra a Figura 32. Como o mesmo diz:

Esses capacete agora são modernos, antes eles era de couro de veado, porco do mato, era assim que era, só que agora nós mudamos, tem plástico dentro, pano, enfeites. Elas são feitas na forma de barro, na argila, faz a forma, deixa ela secar, seca bem, ai o primeiro forro é com um papel bem fino molhado na agua, forrou todinho, ai já vai forrar com um papel mais grosso um pouco, já vai goma de tapioca, molha todinha ela e vai forrando, ai depois desse papel já passa a ser forrado com saco de cimento, porque ele é mais forte um pouco, oito forro vão aqui dentro, o certo que eu forrava era quatorze, mas ficava muito grosso, oito forro ai com bem a goma, coloca no sol que ela seca, que ela fica bem durinha mesmo, ai já tá pronto pra receber a pintura. (Entrevista realizada em 01 de Março de 2019).

Figura 32 – Foto do molde das máscaras feita a moda antiga



Fonte: Autor, 2014

Figura 33 – Foto de Vital 2 mostrando sua máscara/capacete do Segundo Palhaço.



Fonte: Acervo do autor, 2019

3.5.4 O intuição criadora de Vital 2

Durante o Carnaval de 2014, Vital 2 contou que tinha problemas constantes com as máscaras feita de barro. Pela constante deformação das águas por conta da ação do tempo e também do clima, ele desenvolveu uma técnica para poder desenvolver uma máscara que pudesse enfrentar sol e chuva com mais durabilidade.

Durante uma tarde em casa, deitado na rede, Vital teve uma ideia. Essa ideia pode se caracterizar por uma intuição.

Segundo Fayga Ostrower, a intuição é um processo dinâmico e ativo, uma participação atuante no meio ambiente. E um sair-de-si e um captar, uma busca de conteúdos significativos.

Zenóbio convidou a gente pro festival de Juaba e nós fomos pra lá. Nesse dia por infelicidade arriou um tempo, mas tempo. Chegamos debaixo de um toró d'água que aguou. As máscaras de papel águou tudinho. Os cabeção acabaram. Nós tínhamos um compromisso na cidade pra gente ir. Eu deitei na rede e olhei ali no canto um garrafão desse aqui. Fiquei olhando o garrafão e levantei da rede. Peguei a tesoura, cortei o fundo e coloquei no meu rosto. Deu tão certo que eu olhei e falei “agora eu tenho uma ideia”. Esquentei a faca na ponta pra furar os olhos, usei isopor pra fazer as sobrancelhas, orelhas. Os detalhes são de isopor. Como a cola não segurava os detalhes eu tinha que costurar. Ao redor eu usava durepox só pra segurar melhor. (Entrevista realizada em 23 de Fevereiro de 2014).

A memória de situações já vividas, como o mesmo conta, servem de referencial para dados novos (OSTROWER, 2016, p.67). Na Figura 33 e 34, trago Vital 2 descrevendo o momento em que teve a ideia da criação das novas máscaras.

Figura 34 – Foto de Vital 2 mostrando sua máscara/capacete do Segundo Palhaço.



Fonte: Autor, 2014

Figura 35 – Foto de Vital 2 testando a garrafa de plástico como molde da nova máscara



Fonte: Acervo do autor, 2014

Os processos intuitivos não são conceituais, e sim de forma. Ao intuir procura-se um novo modo de ser essencial do fenômeno, através de estruturas que se configuram dentro da materialidade específica desse fenômeno. Neste sentido, “a forma não traduz, ela é” (OSTROWER, 2016).

Após intuir, Vital começa o processo de pintura da máscara. Neste período do processo, Vital se preocupa em formar a máscara. Formar, seria experimentar, lidar com a materialidade da máscara e executar, experimentar. Já a forma é “modo como se configuram duas relações dentro de um contexto”(OSTROWER, 2016, p. 79)

O início deste processo de pintura, de *formatização* com tinta à óleo pode ser visto na Figura 36, e na Figura 37 a máscara em seu estágio final, já pronta para ser utilizada.

Figura 36 – Foto do processo de pintura da máscara por Vital 2



Fonte: Acervo do autor, 2014

Figura 37 – Foto da máscara finalizada



Fonte: Autor, 2014

Neste trajeto, foi visto como Vital 2 é um mestre da cultura ribeirinha e detém inúmeras técnicas diferenciadas para fazer os elementos artísticos que constituem o cordão. Tanto no Barco Nossa Sra, das Graças, como no capricho do estandarte e das máscaras. No próximo trajeto, vou adentrar no meu processo de criação que envolve a família tipográfica criada e o documentário audiovisual desta dissertação.

TRAJETO

IV

**MEMORIAL TIPOGRÁFICO
&
AUDIOVISUAL**

4º TRAJETO – MEMORIAL TIPOGRÁFICO E AUDIOVISUAL

4.1 A Inspiração tipográfica

Neste momento da viagem, a pesquisa se torna “em Artes” quando além de pesquisador, assumo o papel de artista. Após a escrita teórica da pesquisa, senti a necessidade de criar algo no âmbito das artes gráficas com referência à visualidade das letras dos barcos de Vital 2 para estabelecer um diálogo deste trabalho com as habilidades artesanais de Vital 2.

Essas letras fizeram parte da minha vida. Recordo me era quando ia para Saudosa Maloca com meus pais ainda criança, e olhava os barcos dos pescadores ao atravessar o rio, indo para a ilha de Algodoal. Já adulto atravessar os rios utilizando os barcos, e claro, indo para Cametá e para a comunidade do TenTém, utilizando os barcos como meio de transporte.

Apesar de serem regiões distintas e distantes umas das outras, estes barcos possuem uma coisa em comum: todos têm os seus nomes escritos com letras com o “estilo clássico”, decorativas, e que se dividiam em duas partes coloridas.

Tais letras decorativas já foram objetos de alguns estudos, como os de Paes Loureiro, já citado aqui anteriormente, e da designer e pesquisadora Fernanda Martins (2008), no qual ela desenvolve um estudo comparativo entre as letras de barco da Amazônia com os da tipografia vitoriana.

Tipografia vitoriana, é assim denominada por ter sido contemporâneo do reinado da Rainha Vitória, que durou 63 anos, entre 1837 e 1901. Além de ser sido o mais longo de um monarca britânico, este período representa a estética dominante do século XIX, época da revolução industrial, do florescimento do comércio global e do surgimento da publicidade (MARTINS, 2006, p. 42)

Segundo a mesma, os abridores de letras não estão preocupados com a legibilidade dos caracteres, e sim com o reconhecimento que as mesmas causam quando se olha para elas. O que ela chama de “palavra-imagem”.

Criar uma família tipográfica é um dos maiores desafios de um artista gráfico ou designer gráfico, pois é algo bastante específico, no qual se faz necessário agregar valores funcionais e ao mesmo tempo artísticos para que as letras se tornem tipos.

Cada letra é uma forma em si mesma, uma forma que pode servir como uma ilustração, um ícone, como um recipiente ou um ponto focal gráfico, independente de seu significado como unidade alfabética. Especialmente

quando é usada em tamanhos grandes, as proporções extremas de forma das letras podem criar um impacto excepcional. (SALTZ, 2010, p.8)

É possível notar que na comunidade do TenTém, as letras são constituídas por apenas letras maiúsculas, como mostra a Figura 38. Quando eles utilizam letras minúsculas, escolhem a letra livre, vernacularizada, caligráfica.

Após feita a pesquisa de campo e os três trajetos dessa dissertação, procurei ver uma linguagem representativa, tanto simbólica como estética/funcional para dialogar com o universo cultural visual do Cordão Última Hora. Dentre as inúmeras técnicas, escolhi a tipografia inspirada nos barcos ribeirinhos, em especial a do barco Nossa Sra. Das Graças.

Segundo Ellen Lupton, em seu livro *Pensar com Tipos*, tipografia é “uma ferramenta com a qual o conteúdo ganha forma, a linguagem ganha um corpo físico e as mensagens ganham um fluxo social” (LUPTON, 2013, p.5).

No âmbito das artes gráficas e comunicação visual, foi a primeira vez que atuei como tipógrafo. Já fiz diversos logotipos e projetos de identidade visual corporativa para clientes, mas sempre escolhia tipografias já projetadas por designers, algo habitual neste campo. Como cita Lupton:

As letras são um recurso essencial empregado por designers gráficos, assim como vidro, pedra, ferro e inúmeros materiais são utilizados por arquitetos. Os designers as vezes criam seus próprios tipos e letterings personalizados. Mas é mais frequente vê-los consultando a vasta biblioteca de fontes existentes, escolhendo-as e combinando-as em respostas a públicos ou situações específicas. (LUPTON, 2013, p.9)

Trabalhei por em agências de publicidade e escritórios de design, e a tipografia foi algo que me fascinou, mesmo não dominando a técnica de construção da mesma naquele momento onde atuei como profissional. Mas entendia e entendo da aplicação dela e como ela transmite arte e funcionalidade se usada de forma harmoniosa.

Apesar de não serem tipógrafos ou projetistas, os abridores de letras possuem essa característica técnica de comunicar uma cultura com arte. Assim como os ribeirinhos da Amazônia paraense, moradores de beira de rio, que para decorar o seus barcos dão nome e esteticidade para seus transportes.

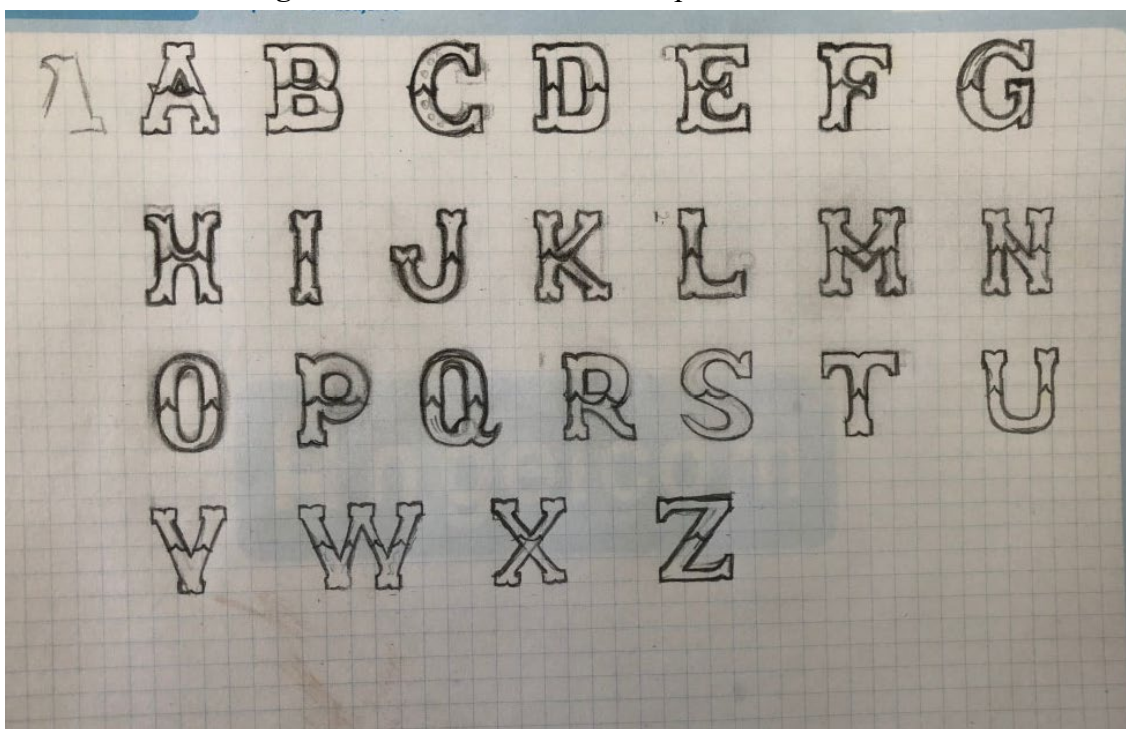
No momento em que os barcos se aglomerarem perto dos trapiches nas apresentações do cordão Última Hora, ou em residências, caracterizavam uma paisagem única e rica em simbolismos.

A tipografia “Última Hora” é uma família tipográfica criada em homenagem a essa comunidade. Seu estilo possui a referência da tipografia de seus cascos, como o Nossa Sra. Das Graças, mas também à estética dos barcos da comunidade do TenTém.

Os primeiros esboços foram feitos com lápis em um papel a4, entretanto eu tinha muita dificuldade em criar um projeto conciso na qual cada letra demonstrasse uma unidade visual. Então segui para o papel milimetrado (Figura 38), no qual me ajudou bastante na hora de criar as letras com proporção.

Este estágio do esboço é importante, o artista gráfico começa a visualizar no papel funcionalmente e esteticamente, o tipo e de maneira livre, “começam a definir um espírito, uma ideia mesmo que ainda bastante vaga, sobre a personalidade da fonte” (LOPEZ, 2000, p.39).

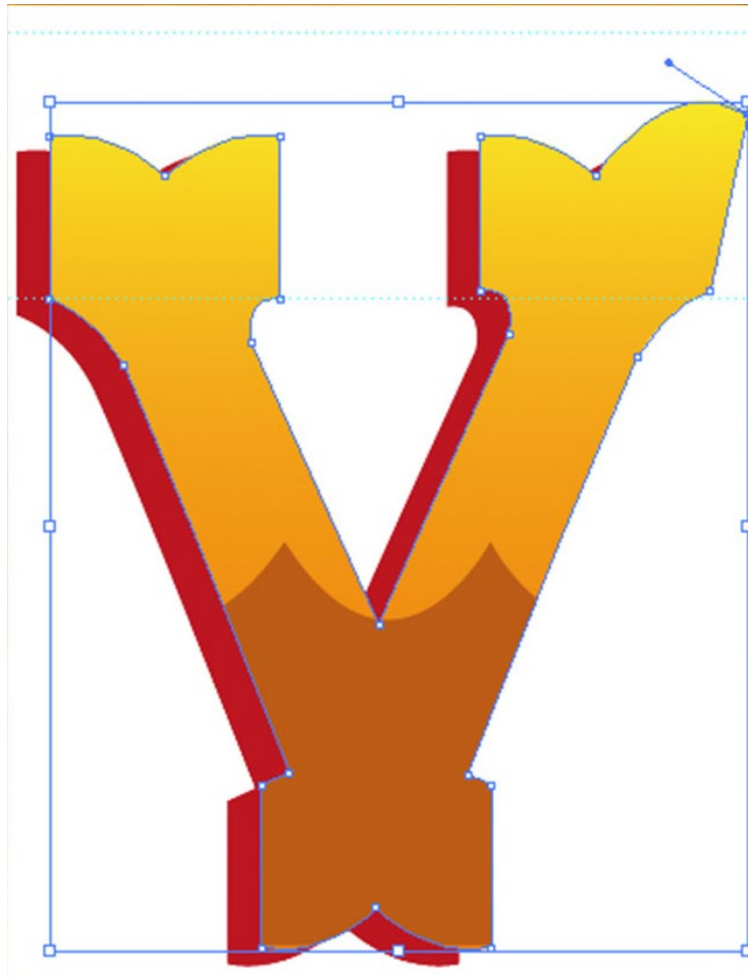
Figura 38 – Alfabeto desenhado pelo autor.



Fonte: Acervo do autor, 2019

O passo seguinte foi utilizar a ferramenta gráfica do computador, e formatizar as letras, como mostra a Figura 39.

Figura 39 – Letra “V” desenhada no computador pelo autor

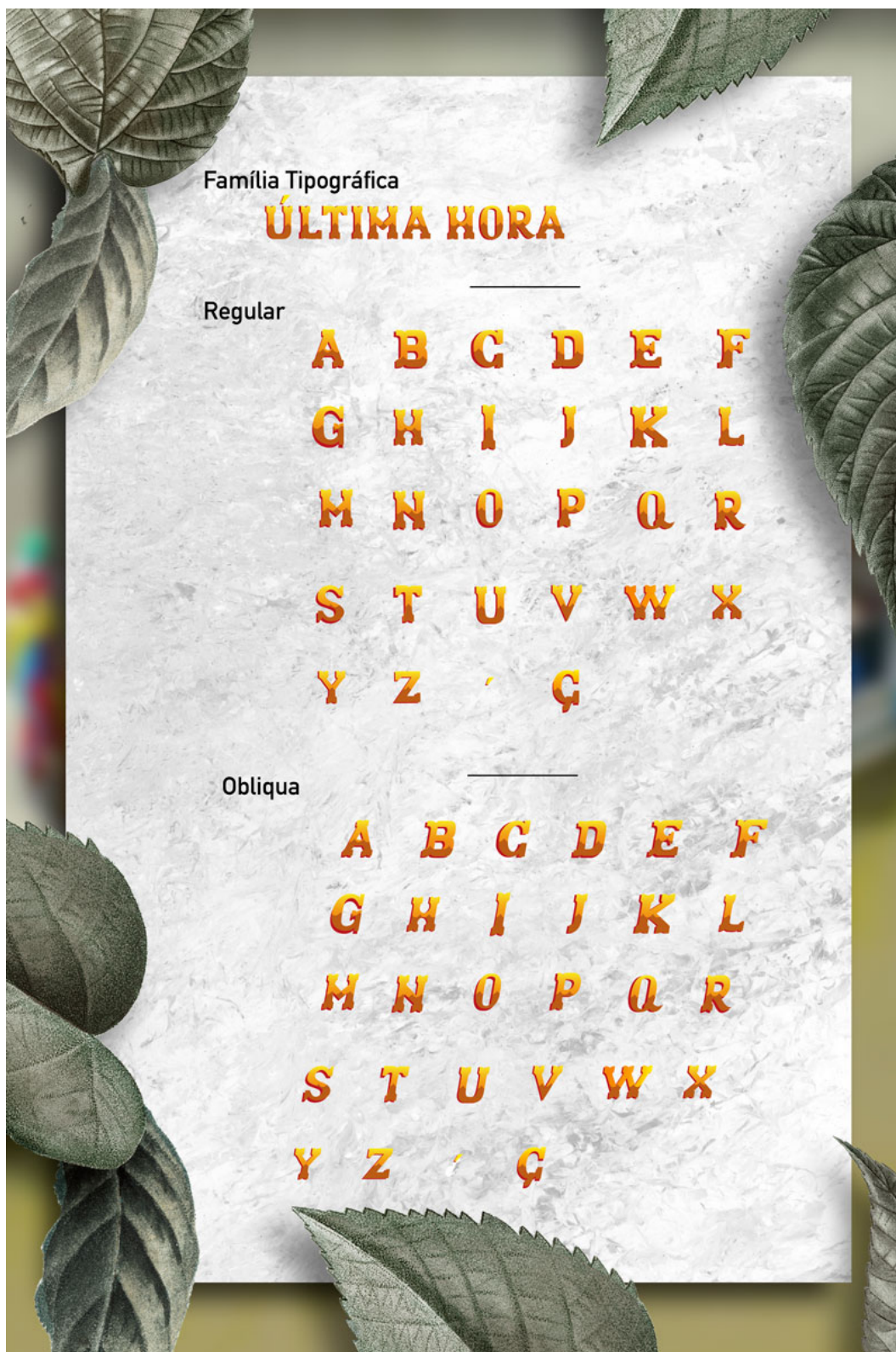


Fonte: Autor, 2019

Neste momento, finalmente as cores e os traços foram ganhando forma e expressividade através da linguagem tipográfica. As letras possuem duas representações importantes, o desenho inspirado no estilo dos barcos de ribeirinhos paraenses. Além disso, as letras possuem na divisão o desenho de pequenas ondas, que simbolizam as ondas de rios amazônicos.

Para a apresentação da tipografia nesta dissertação, utilizei a cor marrom para representar os rios e afluentes do rio Tocantins, o amarelo para representar o ouro do Brasil como Vital 2 cita, e o carnaval.

Figura 40 – A Família Tipográfica “Última Hora” criada pelo autor.



Fonte: Acervo do autor, 2019

4.2 Documentário - Cordão de Mascarados Última Hora do TenTém (PA)

A ideia de produzir um documentário sobre o cordão Última Hora se remete a alguns anos atrás. No Projeto de Extensão Cartografias Amazônicas, registrávamos inúmeras cenas e sequências com a intenção de criar peças de design gráfico, mídia, documentários e etc.

Meus primeiros registros foram quando viajei pela primeira vez em uma pesquisa de campo para a Comunidade do Tentém, ano de 2014. Nesta viagem, conheci Vital 2 e ele, junto com Ruth, me receberam em sua casa. Junto comigo estava uma, uma mochila, uma rede, uma máquina fotográfica e um caderno de anotações que nunca houvera usado, mas que todos os colegas e professores me orientaram para levá-lo.

Em seguida, fui atrás dos meus olhares fotográficos e de conteúdo audiovisual. Com a câmera em mãos, andei pela casa, e olhei as máscaras, os figurinos, o barco, e fui gravando tudo o que podia.

Naquele momento, ainda em 2014, não possuía nenhuma pretensão de ser um cineasta ou registrar algo de narrativa audiovisual, até pelo fato de que, outras pessoas do projeto o faziam bem melhor que eu.

Após o retorno a Belém, voltei para a minha rotina habitual que tinha; faculdade, família e trabalho. De maneira independente e individual, comecei a utilizar registros fotográficos e audiovisuais dos carnavais dos anos de 2015, 2016 e 2017. Alguns deles já inseridos nesta dissertação em forma de fotografias e *frames*. Esses registros foram fundamentais para a pesquisa de campo referente aos meus dois anos de trabalho.

Demorei para perceber, mas já possuía uma pesquisa audiovisual com uma quantidade de material considerável, que acabou por se tornar a maior parte das minhas fontes nesta pesquisa. Provavelmente meu desafio neste mestrado, e também o que mais engrandece a pesquisa e o carnaval do cordão Última Hora, pois aquele que assiste, mesmo que distante, já visualiza o cordão e sua arte de um ponto de vista aproximado.

Este material não foi feito para ser comercializado, e sim como a parte integrante desta dissertação, para o leitor deste trabalho poder ter acesso a um conjunto de filmagens coletadas durante mais de meia década de pesquisa.

Para este projeto, tive ajuda do produtor audiovisual João Paulo Castro na parte da montagem do documentário.

4.2.1 Roteiro

Em uma produção audiovisual é comum o roteiro ser a etapa norteadora do projeto. Entretanto, as filmagens intuitivas comandaram este projeto de início. Ao começar a ter a ideia de montar este documentário, comecei a visualiza-lo como uma extensão visual desta dissertação, ou seja, introduzir o cordão, contar a origem do mesmo com Mestre Vital 1, tratar das visualidades artísticas do cordão com mestre Vital 2, falando sobre os personagens, descrevendo as máscaras, o estandarte e as diversas imagens dos barcos. Também foi importante enriquecer o vídeo com trajetos pelo rio Tocantins e o momento das apresentações das comédias.

4.2.2 Direção de arte

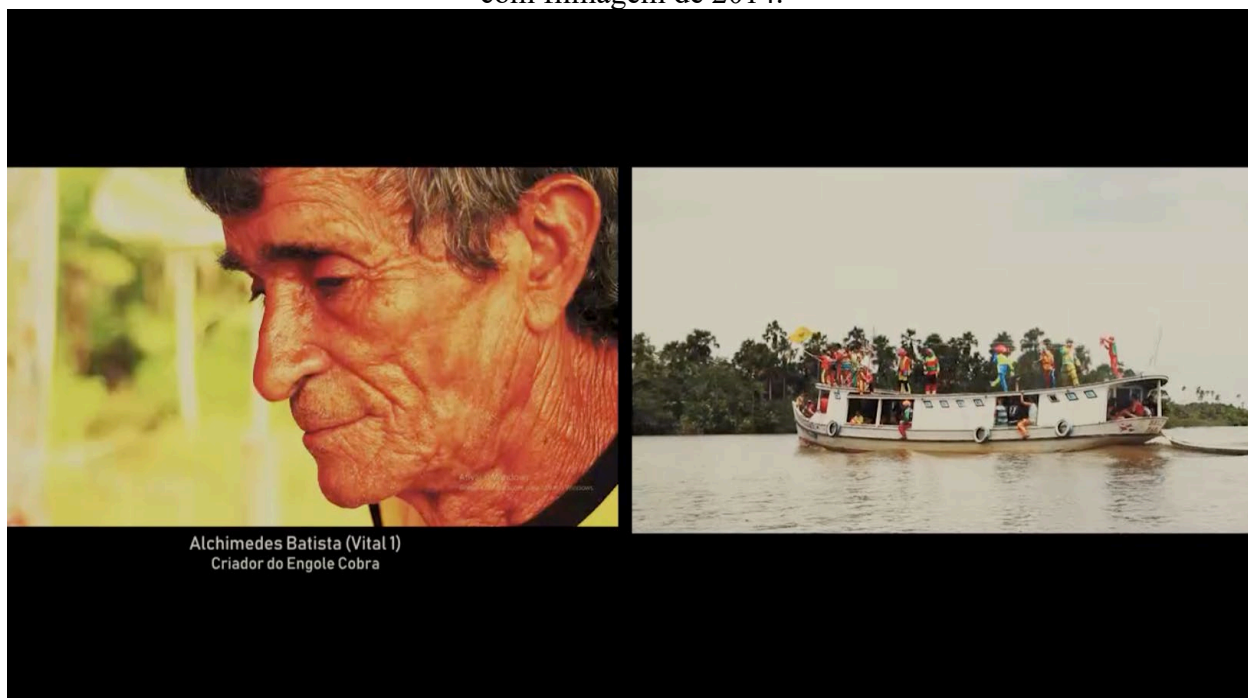
O amanhecer capturado com a imagem do rio TenTém com o foco no varal de estender roupas (Figura 43) e o caminhar de Geane no trapiche (Figura 44) compõem o início do filme para introduzir a visualidade da localidade. A ideia foi desenvolver imagens poéticas da região e do dia-a-dia da família para capturar a atmosfera do local.

Utilizei os registros audiovisuais dos anos de 2014 e 2019 de forma diferente. Como o material de 2014 possuía um enquadramento horizontalizado, optei por utilizar essas filmagens inseridas em duas telas, uma se relacionando com a outra, para não perder o enquadramento original.

Utilizo imagens do cotidiano da casa de Vital 2 para complementar a narrativa visual do documentário com uma linguagem mais poética. Mesmo sendo um documentário, no qual a dimensão informativa é estruturante, procurei não deixar de utilizar elementos poéticos.

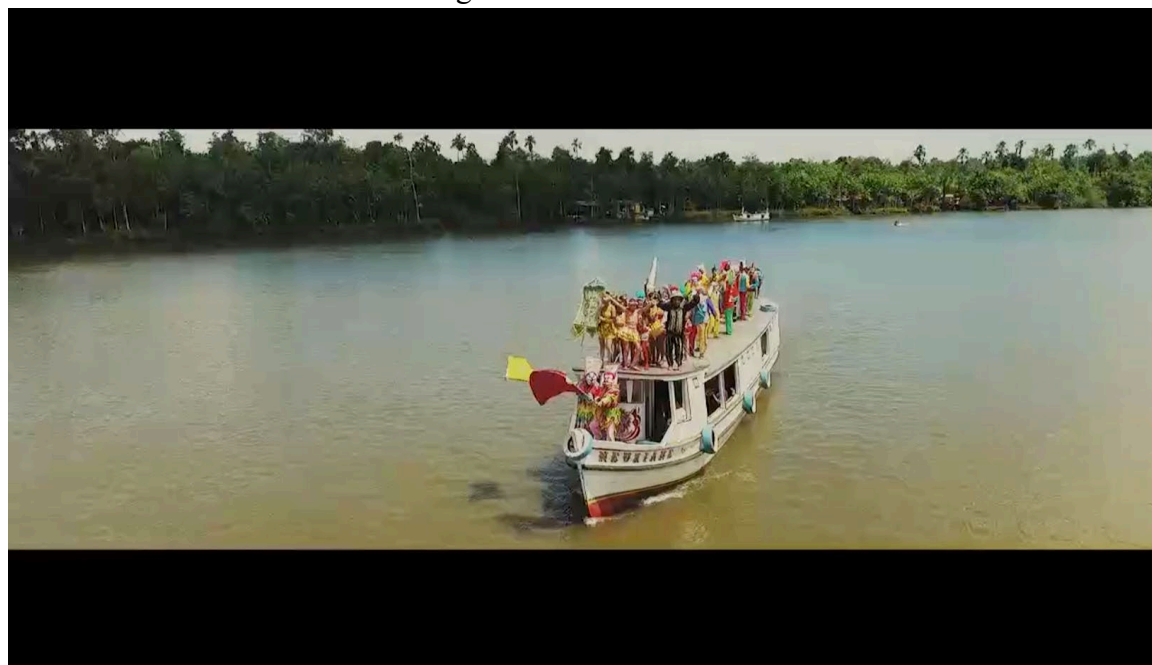
O documentarista não deve ser visto apenas como um meio para transmitir determinada realidade. É pelo fato de estabelecer um olhar próprio e subjetivo sobre determinado assunto, que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar sua visão sobre determinada realidade, seja uma visão própria ou imposta por determinado mecanismo do poder. Acima de tudo, um documentário transmite-nos, não a realidade, mesmo nos louváveis esforços em transmitir a realidade “tal qual” ela é, mas, essencialmente, o relacionamento que o documentarista estabelece com um tema. (RODRIGUES, 2010)

Figura 41– *Frame* do documentário *Cordão de Mascarados Última Hora do TenTém (PA)* com filmagem de 2014.



Fonte: Acervo do autor, 2019

Figura 42 – *Frame* do documentário *Cordão de Mascarados Última Hora do TenTém (PA)* com registro de 2019.



Fonte: Acervo do autor, 2019

Figura 43 – *Frame* do amanhecer do Rio TenTém



Fonte: Acervo do Autor, 2019

Figura 44 – *Frame* do caminhar de Geane



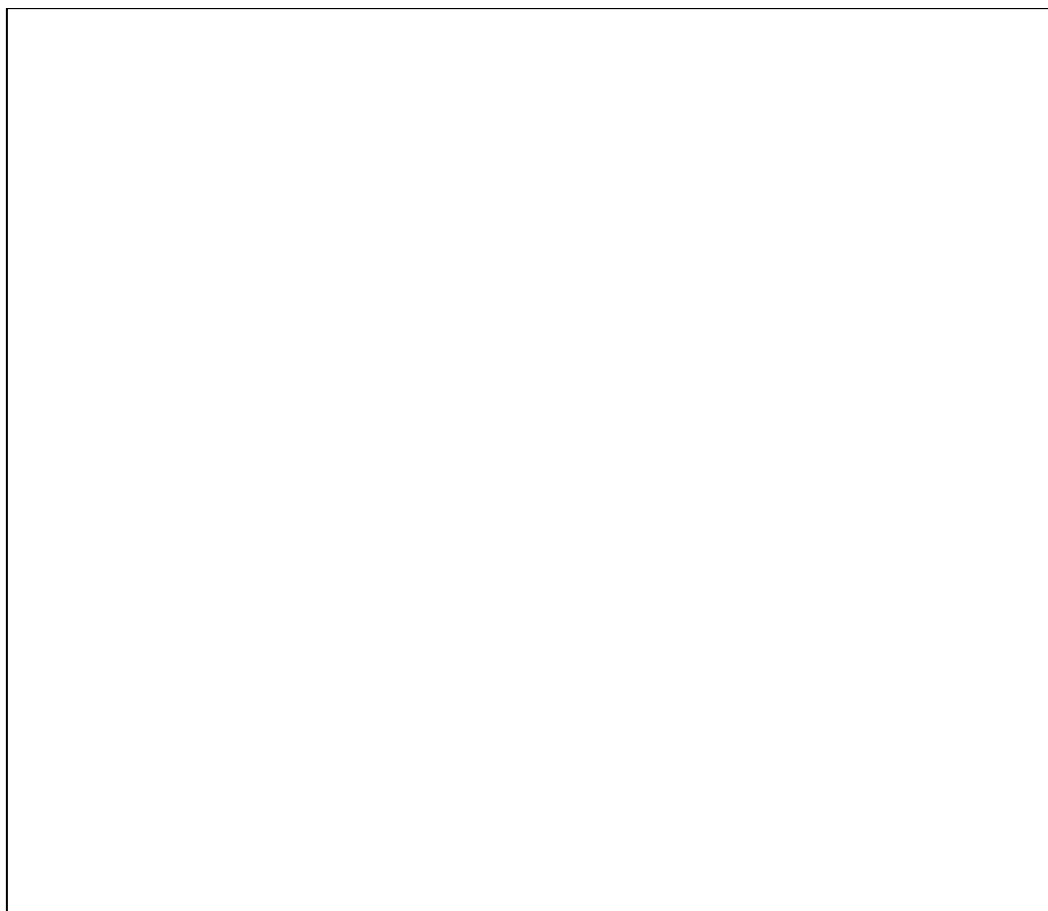
Fonte: Acervo do autor, 2019

4.2.3 Personagens

Assim como o material escrito, Vital 1 (Figura 44) é o personagem que rapidamente conta a criação do cordão, onde utilizo imagens de 2014 na residência de Vital 2, com a sonora da entrevista que o mesmo me concedeu, registrada através de um celular.

O segundo personagem é Vital 2 em dois momentos: No ano de 2014 e no ano de 2019. No ano de 2014, Vital fala sobre o processo criativo das máscaras, já em 2019, ele fala sobre o estandarte e as comédias. Na Figura 45, é um exemplo de momentos que capturei Vital 1 em momento reflexivo fumando seu cigarro na casa de Vital 2. Nesse momento, utilizei a sonora de uma entrevista concedida pelo mesmo em 2017, que o mesmo conta suas lembranças

Neste instante, para aquele que lê se faz necessário visualizar o documentário que se encontra no anexo desta dissertação e, em seguida, retornar para o Trajeto Final conclusivo do trabalho.



TRAJETO FINAL

Conclusão

TRAJETO FINAL – CONCLUSÃO

Nesta dissertação, pude pesquisar de maneira aprofundada o Cordão Última Hora e suas visualidades artísticas desta tradição. Destaco a importância deste trabalho para a produção acadêmica da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Artes, sobre os estudos em e sobre artes de um cordão de mascarados do Carnaval das Águas de Cametá.

Mesmo já conhecendo o cordão há 6 anos e viver anualmente com Vital 2, Ruth e família as festa do cordão, os estudos referentes a esta dissertação puderam me abrir novos olhares e perspectivas sobre essa manifestação cultural. As leituras de todos os autores utilizados nesta pesquisa foram de extrema importância para o aprofundamento deste trabalho.

Outro ponto que destaco foram as entrevistas com Vital 1 - o Engole Cobra, e com Vital 2. Acredito ser de extrema importância para esta pesquisa e para a história do cordão Última Hora o registro da história e memória do cordão por quem mantém esta tradição viva. Apesar de Vital 1 não fazer mais parte do cordão, ele não poupa palavras e lágrimas ao lembrar do passado do Última Hora. Vital 2, apesar da timidez, foi uma pessoa que sempre se a me ajudar nesses 6 anos de pesquisa. Estas duas pessoas minhas duas fontes principais sobre o cordão. Dois artistas da cultura popular cametaense, que agora possuem um registro escrito e documentado sobre a história do cordão que faz parte da vida dos mesmos.

Entendo que as questões norteadoras desta dissertação foram respondidas e o objetivo geral e os objetivos específicos foram realizados. Ao mesmo tempo, percebo que apesar dos esclarecimentos, novas possibilidades de pesquisa e até uma ampliação do tema podem ser feitas não só pela minha pessoa, mas por outros pesquisadores que estejam também comprometidos com o tema.

Os estudos em sala de aula e demais leituras do referencial teórico foram essenciais para a pesquisa e com toda certeza me ajudaram a desenvolver esta dissertação. Os quatro trajetos, foram idealizados durante esses dois anos de estudo destes importantes pesquisadores e teóricos que utilizo.

No início da viagem, no Trajeto 1, expliquei o início das minhas viagens de campo para Cametá, contando um pouco da história da cidade e as referências que tinha durante a

pesquisa de campo. Após isso, escrevi sobre a Comunidade TenTém, localizada nos afluentes do rio Tocantins e descrevi suas paisagens e visualidades ribeirinhas.

No segundo trajeto, comecei este momento da pesquisa falando sobre as origens do Carnaval, os inícios dos cordões dentro da cultura carnavalesca, sendo este uma manifestação cultural oriunda da cultura afro-brasileira. Em seguida, escrevi sobre o Carnaval das Águas, manifestação cultural centenária que se localiza pelo afluentes do rio Tocantins. Continuando neste trajeto, apresentei o cordão Última Hora. Nesta parte deixei Vital 1 através de suas memórias contar suas lembranças da origem do cordão, apresentei Vital 2 o atual líder do mesmo, seus personagens e como Vital 2 e o cordão se relaciona com a comunidade do TenTém.

No terceiro trajeto, escrevi sobre o papel de Vital 2 como artífice do cordão Última Hora, destacando a plasticidade da criação das máscaras, estandartes e do barco e suas letras. Neste momento também foi importante responder as questões que norteavam esta pesquisa, onde o mesmo demonstra as referências da criação de suas artes, como as cores tem um significado para o estandarte e como ele utiliza seus ferramentas e desenvolve o seu processo criativo.

No quarto trajeto, dei início à parte na qual eu me insiro como artista gráfico e documentarista. Início falando sobre o processo de criação da família tipográfica Última Hora, onde destaco as motivações, esboços, e descrevo os signos que a compõem, tudo isto, em diálogo com as referências das letras de barco produzidas por Vital 2. Descrevi o processo criativo do documentário audiovisual “Cordão de Máscarados Última Hora do TenTém (PA)”. Iniciando de como capturei as primeiras imagens, como se desdobrou a iniciativa da produção. Escrevi sobre o roteiro, a direção de arte e os personagens que compõe o material. O documentário é parte integrante do quarto trajeto e está no anexo da mesma.

Agradeço novamente ao cordão Última Hora, especialmente Vital 2 e Ruth dos Santos por terem aberto as portas de sua casa e seu cotidiano para que eu possa ter pesquisado o Última Hora durante esses anos. Espero que este trabalho seja um dos diversos pontos de partida para inúmeros pesquisadores que desejam conhecer essa manifestação cultural paraense e as pessoas que a desenvolvem. Viva o Carnaval das Águas! Viva o Cordão Última Hora!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTA BRÍGIDA, Miguel de. **O maior espetáculo da Terra: O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro como cena contemporânea da Sapucaí.** 2006. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Dança e Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

BRITES, Bianca; TESSLER, Elida (Org.). **Meio como Ponto Zero: Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas.** Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.

BRITTO, Rosangela Marques de. **Os usos do espaço urbano das ruas e do patrimônio cultural musealizado na “esquina” da “José Malcher” com a “Generalíssimo”:** itinerários de uma antropóloga com uma rede de interlocutores no Bairro de Nazaré (Belém-PA). 2014. 363 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento Antropológico.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

COELHO, Raimundo. **Patrimônio Cultural Cametaense: Estudo sobre o Patrimônio Cultural de Cametá e sua Importância no Contexto Cultural do Município.** Cametá, Pa: Novo Tempo Comunicações Ltda, 2012. 144 p. (Coleção Novo Tempo Cabano vol. XI).

DEVOS, Rafael Victorino; SOARES, Ana Paula Marcante; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Habitantes do Arroio: memória ambiental das águas urbanas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 22, p.51-64, 2010.

DA MATTA, Roberto. **O Universo do Carnaval: imagens e reflexões.** Rio de Janeiro: Pinakothek, 1981.

_____. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DINIZ, André. **Almanaque do Carnaval: O quê ouvir? O que Lêr? Onde Curtir.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Antropologia da e na cidade,** interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

_____ Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. **Política e Trabalho**, n. 34, p.107-126, abr. 2011.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da (Org.). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana.** Porto Alegre: Ufrgs, 2013. 294 p.

ECO, Umberto; IVANOV, V. V.; RECTOR, Monica. **Carnaval!** México, D.f: Fondo de Cultura Económica, 1989. Tradução de Mónica Mansour.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GIOSEFFI, Maria Cristina da Silva. Michel Maffesoli, estilística... imagens... comunicação e sociedade. **Logos: Comunicação e Universidade**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 48-53, 1997.

GIUSTI, Dominik. **Cametá tem carnaval tradicional até quarta-feira de cinzas:** Folia no município paraense começa desde 1º de janeiro. Município também tem blocos de axé, com foliões de abadás.. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/02/cameta-tem-carnaval-tradicional-ate-quarta-feira-de-cinzas.html>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** 5. ed. Belém: Paz e Terra, 2012. p. 9-23.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 14. ed. Campinas, Sp: Papirus, 2012.
Tradução Marina Appenzeller.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **História e Arte: as invenções da paisagem**. Anais do XXVI
Simpósio Nacional de História – Anpuh, São Paulo, jul. 2011.

KLINTOWITZ , Jacob. **Máscaras Brasileiras**. São Paulo, Editado pela Rhodia, 1986

LOPEZ, Fábio. **Tipografia de Texto: Pesquisa, planejamento e construção**. 2000. 118 f. TCC
(Graduação) - Curso de Desenho Industrial, Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em:
<https://issuu.com/fabiolopez/docs/tipografia_texto>. Acesso em: 15 ago. 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. 4. ed.
Belém: Cultural Brasil, 2015.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: Guia para designer, escritores, editores e estudantes**. 2.
ed. São Paulo, Sp: Cosac Naify, 2013. 224 p. Tradução André Stolarski.

MARTINS, Fernanda de O.; "Letras que flutuam: territórios fluidos da Amazônia", p. 335 -
348. In: **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São
Paulo: Blucher, 2017.

MARTINS, Fernanda. **Letras que Flutuam: O abridor de letra e a tipografia vitoriana**. 89 f.
Monografia (Especialização) - Curso de Semiótica e Cultura Visual, Instituto de Ciências da
Arte (ICA/UFPa), Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

OLIVEIRA, Taís Nascimento; BRANDÃO, Laryssa Passos; PENA, Heriberto Wagner
Amanajás. **ANÁLISE DA DINÂMICA DA ESTRUTURA PRODUTIVA DO
MUNICÍPIO DE CAMETÁ, AMAZÔNIA - BRASIL**. Observatorio de La Economía
Latinoamericana, Malaga, v. 194, n. 194, p.1-15, fev. 2014.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 30. ed. Petrópolis, Rj: Editora
Vozes Ltda, 2014. 186 p.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In: Blanca Brites; Élide Tessler. (Org.). Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2002, v. , p. 123-140.

RODRIGUES, Flávia Lima. Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro. **Ces Revista**, Juiz de Fora, v. 1, n. 24, p.61-73, 2010. Anual. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/04_COMUNICACAO_cinemadocumentario.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

SALTZ, Ina. **Design e Tipografia: 100 Fundamentos do Design com Tipos**. São Paulo, Sp: Blucher, 2010. 208 p.

SILVA, Hugo Vandrê Cavalcanti da. **Estandartes – bandeiras de festa e tradição: uma análise da simbologia e linguagem visual dos estandartes dos clubes e troças do carnaval de Recife e Olinda**. 2014. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Design, Ufpe, Pernambuco, 2016.

SENNET, Richard. **O Artífice**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda., 2013. 360 p.

SIMMEL, Georg. **A Filosofia da Paisagem**. Portugal: Lusofia Press, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: O vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TSCHICHOLD, Jan. **A Forma do Livro: Ensaios sobre tipografia e estética do livro**. Cotia, Sp: Ateliê Editorial, 2007. 227 p.

Entrevista Vital 1, O Engole Cobra - 2017

Realizada em 06 de Março de 2017.

Município de Juaba (PA)

R: Qual o seu nome?

V1: O meu nome é complicado, ta bem aqui ó (apontando para sua assinatura em um quadro de sua autoria), é Alchimedes. Com “chi” né, vem de origem grega, Alchimedes Vital Batista. Nasci a 28 de Abril do ano 46.

R: Como surgiu o cordão Última Hora?

V1: Olha o Última Hora, tem um histórico. O “Última Hora” não fui eu quem fundei. Eu reativei. Depois de 3 décadas parado. O “Última Hora” é daquele tempo que a criançada tinha medo de careta. Eu ainda cheguei a ver o “Última Hora” verdadeiro. Ai com medo da careta eu ficava por ali me escondendo, né?! Era um cordão muito bonito. Mas ai, num sei com quanto tempo, eu não sei com quanto tempo o “Última Hora” original existiu, sei que eu conheci ele vendo, como medo de careta. Ai quando tava na fase de adolescência né, minha mãe me deu pra esse senhor na cidade de Cametá, pra me criar e estudar na cidade, o “Última Hora” já tinha parado. Eu passei 5, 6 anos na cidade de Cametá sem colocar o pé no interior. Eu era o babá do filho menor do homem que me criou e depois fui me embora pra Belém. E quando terminei o primário naquela época, ele me adotou, sem documento, mas me adotou querendo me fazer um homem realizado. Naquela época não tinha curso superior em Cametá. Tinha um colégio que ensinava segundo grau, colégio das freiras, mas era particular. Eu não tinha grana e nem ele queria pagar, né?! Aí eu tava com 16 anos e me transferi pra Belém pra estudar no Paes de Carvalho e me apresentar pra servir a Aeronáutica. Eu chorei a noite toda, porquê queria voltar pro interior. A filha dele, me perguntou “O que você tá fazendo, rapaz?” aí eu falei “Pode falar que eu fui embora”, fui me alojar na casa de um colega meu e mandei um bilhete pra minha mãe e fui me embora com ela. Voltei com 16 e meio, 17 anos pro interior. A primeira festa que eu fui foi minha mãe que me levou, antes de anoitecer. Comecei a trabalhar com negócio de viagem, embarcação, ai foi o tempo que cheguei aqui e já tinha outro cordão, chamado “Rei da Brincadeira”. Foi o quarto cordão criado aqui nesta região. Aí eu pedi uma vaga pra brincar nele.

R: Isso em que ano?

V1: isso em 1963, por aí. Eu tinha 17 anos. Aí naquele tempo gente se preparava, fazia comédia da gente, quem tinha o prestígio de fazer e se apresentava pro chefe do cordão pra você conseguir uma vaga pra dançar no cordão. Ai eu fui apresentado pra um colega que era brincante, que tinha o dom né, conhecia o Garcia que era chefe do cordão e me apresentou. Eu era o único jovem na época, lá só era homem de família que brincava desse negócio. Aí o chefão me chamou pra ouvir a comédia que eu tinha pra falar. Aí o cara me chamou e falou, “fala os teus versos aqui pra mim”.

Foi o coringa daquele ano, a comédia que eu fiz. Minha popularidade cresceu. Ai me depois de uns 5 anos começaram a me chamar por ai. Cordão do Pirata, do Linguarudo, começaram a criar novos cordões por aí, como os “Malandros da Folia” que já acabou, mas eu fui lá participar fazendo o palhaço lá durante 1 ano. Aí me chamaram pra criar os “Bambas da Folia” do Mutuacá. Me chamaram pra criar “Os Papudinho da Folia” no Juba e ai eu dizia assim: “Poxa, eu e mais uns colegas, como é que a gente faz um carnaval em outro lugar e todo mundo diz por quê nós não fazemos o nosso cordão?”. Nós sai da nossa comunidade servir outro cordão. Quando foi no ano de 1990, não, 1989. Eles faziam brincadeira ali no Tentém, dos mascarados, pintados com carvão. De papelão, batendo lata, aí o pessoal chamava e davam cruzeiro, naquele tempo era cruzeiro o dinheiro. Aí eu comecei a me doer com aquilo. Então eu falei: “Eu vou reativar o “Última Hora”. Teve um outro cara que criou um cordão, bonito pra caramba, chamado “Príncipes Foliões”, lá por 71, o cara que criou o príncipe dos foliões era meu parceiro, do dito cordão que já falei, os Bambas da Folia, e ainda foi o primeiro dia de partida brincar com a gente, e quando foi no segundo dia ele não compareceu. Mas a gente continuou, na quadra, dançando ali nas casas como é agora, né. Naquele tempo tinha mais, assistência e preferência.

Nossa *encerração* era sempre na terça-feira gorda, no último dia de carnaval. Aí me deu um choque né, meu parceiro que sempre brincou, não compareceu, aí não sabia o que tinha acontecido, se deu algum problema com alguém. Aí no outro ano eu já brinquei no “Príncipes Foliões” porque era o meu lugar. No terceiro ano, o chefe do cordão me colocou como Palhaço, aquele cara que comanda o grupo, né?! Brinquei. Então eu parei. Três anos só esse cordão, “Príncipes Foliões” viveu. Eu não era chefe, eu era instrutor, animador, psiqueiro, dava ideia pra isso, pra aquilo né. Só que o chefão, patrocinador, não saiu mais então o *príncipes* morreu. Pra encurtar mais, voltando pra 89, com toda essa peregrinação que eu fiz, o Vital 2 participou do “Príncipes Foliões” como palhaço. Ai eu olhando, eu vi “Essa cara tem

alguma coisa de bom como mascarado”. Como eu já tinha meus 30 e poucos anos e ele tinha lá pelos 19, eu convidei ele. Muito mais jovem que eu, porquê quando eu sáisse ele teria muito mais condições de assumir.

Quando foi em 1990, eu botei o “Última Hora” pras águas. Aquele “Última Hora” parado, 20, 30 anos. Aí eu reativei o cordão em caráter juvenil. Só era eu de adulto como palhaço. O resto era tudo de 16 pra baixo. Levou 10 anos, assim.

R: Já tava com o Vital 2?

V1: Já, mas não como palhaço.

R: Ok, continue.

V1: Quando nós saímos em 1990, em caráter juvenil, a tia Lucimar, veio me abraçar chorando. (choro)

R: Então durou 10 anos o cordão em caráter juvenil?

V1: sim, 10 anos. Porquê eu sou contra agora. Contra o meu parceiro. Porquê tradição é tradição. Mudança, pode mudar. Agora quando se muda pra melhor. Porquê o cordão de mascarados original, que era aqui da nossa quadra não envolvia mulher. Bloco é uma coisa, cordão é outra.

R: Você pode explicar melhor essa diferença?

V1: O cordão se era 24 dançantes, 12 era vestido de homem, e 12 era vestido de mulher, mas era homem vestido de mulher. Aí o homem vestido de mulher já dá uma graça. Tem alguns que fica bonito e tem uns que fica feio né. O cordão de mascarados daqui das águas, o que vale é a graça. É a piada. É o chaveco que a gente dá. As comédia.

R: E Bloco?

V1: homem macho e mulher fêmea. Aí já é bloco, não é cordão mais. O cordão é composto somente de homem, mesmo que se vista de mulher. Mas é homem. Homem de cacho. E outra coisa, na época, os homens que se vestiam de mulher, usavam a máscara. Não mostravam a cara. Agora a gente fazia as máscaras no formado do rosto de mulher. Assim que era a tradição do cordão de mascarado das águas. Agora de 2000 pra cá modificou tudo, por isso que eu abandonei. Em 90 eu criei os regulamentos, 10 itens. Igual 10 mandamentos. Aí

quando transferei o “Última Hora” pra adulto, mais 15 anos. Ta até por aí dentro de casa o regulamento que foi criado. Tem que procurar. No regulamento se era juvenil não podia ser mais de 16 anos. A partir do adulto, já era de 18 pra frente. Embarque tinha que ser todo mundo na sede. No horário certo, no máximo 08h tinha que chegar. Se não chegasse ficava. Durante o correr do rio podia fazer o que quiser, mas quando chegava nas casas, todo mundo metia as máscaras na cara. Chegava, assumia, fazia a apresentação, falava a comédia, descia e não tirava a máscara da cara. Só tirava lá na frente. Essas críticas que a gente faz, nos cordões de mascarados, muita gente não gosta. Acha ruim.

Então, uma pessoa de repente perguntava: “Quem é esse cara aí?”. Ai muita gente fica em dúvida, era o cara ou não era? E assim por diante, bebida tinha que ser servido pela chefia, enfim. 10 mandamentos. Já até esqueci.

Aí 2005 por aí, foi o último ano que participei como brincante, chamei o *meu cheiro* (Vital 2) assumo agora, e leve. Porque já não tava ainda da maneira como eu queria, que é preservar aquilo que é a tradição.

R: E quando foi que o Eulálio virou Vital 2?

V1: Foi nessa época, porquê nós *se juntamo*. Porque eles me chamam de Vital e ele também Vital, agora qual é o Vital? Foi o povo que colocou. Aí meu nome é Vital mesmo e o do meu cheiro não é. Também por isso Vital 2. Pela idade também, porquê eu já era Vital.

R: Me falaram que era porquê ele era o mais gordo.

V1: (risos) Pois é, tem isso também. Enfim, não existe o 2 sem o primeiro. A realidade é essa. Não é porquê dizer que um é ruim e outro garantido. Não. O que manda é a idade. Quem governa se empatar uma eleição? O mais velho.

R: Certo, continue.

V1: Sim. Agora eu agradeço ao pais deles. É um cara nota mil pra mim. Ele tem um filho que ele chama de Vital de apelido, e tem uma filha que chama de preta, por quê? Porquê o apelido que minha mãe me chamava era preto. Era o apelido que todo mundo queria que me chamasse até hoje. E ele colocou numa filha dele, que eu nem sei o nome dela, mas que ele chama ela de Preta. Eu acho que foi em minha homenagem. Nunca me falou isso, mas eu acho. Ele era muito amigo da minha mãe.

R: E a origem do cordão?

V1: sim, eu reativei com meu xará. Aqui em Cameté a gente chama de cheiro né, não xará.

Esse “Última Hora” quando eu era moleque que vestia camisa, tia Júlia, tia Cornélia mãe do Zé Maria Ranieri, nesse tempo moravam tudo aí, e contavam essas coisas e eu ficava só orelhando. Por quê o “Última Hora” surgiu? Porquê a juventude daquela época tinha a galera dele né. Aí aconteceu que um amigo deles da época, ia fazer um aniversário da primeira filha dele. Naquela época era muito difícil como era agora. Você fazia uma festinha de aniversário, coisa assim, aí os colega do pai da criança começaram a conversar um com o outro: “Vamos fazer uma surpresa pro cara”, no dia. Inclusive ele era reservista, ex-combatente né, daquela guerra que findou em 45. E por isso ele ganhou o apelido de *Soldado*. Então, o tio do Bina Francês, que era o cara que ia fazer aniversário do primeiro filho que ia completar 1 ano com a Ladainha, que hoje em dia ninguém conhece mais. Aquele ato religioso que é rezado por homem e por mulher. E a festa pro pessoal dançar, era o samba de cacete. A luz era lamparina. Aí a fundadora do “Última Hora”, que o irmão dela me confirmou depois, é uma mulher. Pelo boato que saiu na rádio Tocantins, naquela época que o filho dele era técnico de som de lá, ele escutou e viu o papel que levaram. E um certo dia ele me chamou, e disse que ta tudo errado. O Nome era Bendito Hilário Francês que tava lá, que chamavam de Bina. Não foi eu e não foi o Bina que fundou. Então ele me chamou na retranca pra me dizer que o histórico que eu fui explicar lá pra galera não batia com o que ele conhecia. Deixei passar uma semana e fui na casa dele, ainda é vivo. Quase não anda mais.

Então voltando pro aniversário, 5 mulheres e 5 homens colegas na época, jovens, fizeram máscaras. Só que naquele tempo era mais rústico ainda. Era papel né, papel de embrulho, papel de jornal, saca de cimento. Tinha que fazer uma forma de barro primeiro. Argila. Aí faz no formato do rosto que você quer. Tem que deixar secar a forma aí você vai forrar, com papel. Aí você deixa 1 dia ou 2, colocar no sol até que você tira. E com a goma da tapioca você faz a colagem. Na época quando foi pra pintar, tinta óleo era difícil. Eles pintaram com Tabatinga, um barro que só tem no município de Mocajuba pra cima. Você tira aquele barro, faz aquela bolota, deixa secar, depois de seco você vai colocando a água que nem o cal e fazia a pintura. Só da branca e rosa, só duas cores. Quando foi umas 6h da tarde se prepararam, as mulheres se vestiram de homem e os homens de mulher na época. Foi tia Júlia, tia Cornélia, Finóca, Atílio, se não me engano um tal de Jozico, filho do velho Gregório, eu Não sei de todos na época. Eles embarcaram e casco grande, do remo ainda né. Deixaram escurecer e encostaram na boca do Igarapé que ficava logo ali da casa que ia ser o evento. Deixaram

acontecer a reza. Naquele tempo vinha o chocolate com café, farinha de tapioca, servia pra galera e tal, e começava a festa. Tocava o Samba de Cacete. Ai deram a primeira fornada, chamavam de fornada. Ai eles chegaram devagar. Na segunda fornada eles ingressaram no salão. Os mascarados vestidos com roupa normal assim mesmo, não era fantasiado. Os homens de mulher e mulher de homem, aí dançaram a fornada né, abraçando todo mundo. Ai terminaram tudo, cumprimentaram o pai da criança, se despediram e foram embora. Agora, quem era esse pessoal? É esse sentido dos mascarados que tem que preservar até hoje. Aí ficou esse boato. Vieram embora pras casas, tomaram banho, vestiram a roupa pra festa, e foi cada um no seu casquinho pra festa. Como era em Fevereiro, o comentário foi bacana, uma senhora chamada Cornélia Ranieri, que já é falecida, mas gostava dessas coisas, ela era de raça italiana, achou que deveria continuar. Ai convidou mais uns amigos lá, jovens da época dela, se fantasiaram com máscara na cara e saíram somente no rio, com tambor do samba de cacete. Só no rio. Ai todo mundo achou bom. Ai no outro ano, decidiram criar o grupo pra sair assim na quadra carnavalesca. E o nome? “Última Hora” por causa que eles saíram no primeiro ano na última semana do carnaval. Se for bonito, bonito e bem bacana as pessoas vão falar “puxa, imagina se não fosse na última hora, né?! E se for avacalhado, não tem problema porquê foi tudo na última hora. E de lá seguiu não sei quantos anos. Os músicos eram próprios, tinha o Samuca, tocava clarinete, um negão. Eram o Samuca, de nome Samuel, Maria dos Santos tocava flauta Zinho Ranieri tocava flauta, Mimico tocava banjo, o resto não lembro mais. Aí a banda era só do cordão. Não tinha nada pra contratar banda dali pra vir ganhar dinheiro. Eles saiam pra brincar. Aquilo que o pessoal dava em casa, eles tomavam licor. Cachaça misturado com suco de fruta. Era o ganho deles. Só que o cordão, eu me lembro até hoje, tinha um brilho do caramba. Cada um daquela época comprava sua fantasia. Se um comprava uma fantasia bonita, outro queria comprar a fantasia igual a dele, pra brincar no cordão. Cada um levava sua boia na latinha de leite Ninho. Charque assado com pedacinho de mapará muquiado com a farinha lá. Eles destampavam e comia. Não tinha bebida, transporte era no casco de pau grande cavado, remando. Aí era um negócio bonito né. Por isso virei fã do que era os cordões de mascarados, e hoje já registrado Carnaval das Águas. E hoje, a maioria do pessoal que vem pra Cameté, já não vem pra esses negócio de bloco de abadá e de escola de samba, ta vindo pro Carnaval das Águas. Quando nós lançamos o “Última Hora” na avenida de Cameté, foi o ano inteiro que o comentário que o melhor cordão e melhor apresentação foi nosso.

R: Você tem esse regulamento que você mencionou?

V1: Eu tenho mas eu não sei onde está. Eu tenho uma papelada do caramba ai guardada. Mas é isso, a fundadora foi tia Cornélia Ranieri, mãe do Zé Ranieiri. Foi ela a fundadora do “Última Hora” em 1934 e eu com meu xará reativamos em 1990.

Entrevista Vital 2 - 2019

Realizada em 01 de Março de 2019

R: Quem são os personagens do carnaval do Cordão Última Hora e quais as suas vestimentas?

V2: Os personagens principais do cordão última hora são os dois palhaço, o primeiro e segundo, ai depois tem o psiqueiro, os dois velhos e os comediários, esse são as pessoas mais principal que tem no cordão, embora os outros também são principal, mas esses são os principais mesmo que fazem comedia. O primeiro palhaço é o que comanda o cordão, chega na casa, pede licença, o dono da casa da licença, ele vem com a galera lá, fala que tá com a permissão, fala com o pessoal, o pessoal gargalho lá e manda tocar música a bandinha, a gente entra pra dançar.

R: Fora o primeiro palhaço, o segundo palhaço, os velhos e o psiqueiro também tem uma função dentro do cordão? Quais as funções deles?

V2: Os velhos fazem comedia também, são comediários também, faz a palhaçada como a velha fala né, o psiqueiro não, ele fica todo o tempo fazendo a psica dele, todas as comedia que vai saindo ele ta fazendo as psica, por exemplo, uma comedia tá meio fraquinha, não tá dando graça, ai ele vai lá e mete a psica dele pra ver se os pessoal acho graça né.

R: Com relação as roupas, quem confecciona? Quanto tempo leva? Vocês as reutilizam?

V2: A gente compra o pano, por exemplo agora esse ano, se sobrar um dinheiro a gente já vai comprar para o outro ano, ai a senhora lá em cima, ela quem faz as roupas pra nós, a Dimas,

não sei o sobrenome dela, mas ela é quem faz as roupas, faz pra homem tanto como pra mulher.

R: E como é processo de vocês terem o resultado que vocês querem? Quem desenha as roupas? Vocês pegam referencias?

V2: Isso ai eu que dou a referência pra ela como eu quero, as cores, como é pra ela misturar, esse ano até que eu não fiquei muito assim gostando das calças que ela fez, porque ela fez as calças só duma cor tudinho né, pelo menos assim, um lado de uma cor, porque o certo é uma banda de uma cor, outra banda da outra né, misturar pra colorir mesmo as fantasias, ai as camisa ela já fez bacana.

R: Vocês conseguem vender essas roupas depois ou elas ficam como acervo?

V2: Não, a gente não vende, elas ficam, tem um bocado de roupa ai, foi feita roupa nova, tem um bocado de roupa que a gente vai levar pra Cametá, chega lá tem muitas pessoas que quer passar junto com a gente, ai a gente coloca eles nessas roupas e parte para o carnaval.

R: Fora os outros personagens a gente tem também o capacete do palhaço, que é um capacete bem elaborado, esse capacete é essa senhora também quem faz?

V2: Não, é eu que faço. Esses capacete agora são modernos, antes eles era de couro de veado, porco do mato, era assim que era, só que agora nós mudamos, tem plástico dentro, pano, enfeites. Elas são feitas na forma de barro, na argila, faz a forma, deixa ela secar, seca bem, ai o primeiro forro é com um papel bem fino molhado na agua, forrou todinho, ai já vai forrar com um papel mais grosso um pouco, já vai goma de tapioca, molha todinha ela e vai forrando, ai depois desse papel já passa a ser forrado com saco de cimento, porque ele é mais forte um pouco, oito forro vão aqui dentro, o certo que eu forrava era quatorze, mas ficava muito grosso, oito forro ai com bem a goma, coloca no sol que ela seca, que ela fica bem durinha mesmo, ai já tá pronto pra receber a pintura.

R: Essa mascara o senhor fez em que ano?

V: Essa tem mais de 20 anos, passando os anos vou fazendo a manutenção delas, só que essa aqui não vai aguentar mais, essa aqui vai ter que fazer outra forma, já tem até uma forma, porque esse aqui, o segundo, não pode ser tão boa quanto aquela lá, aquela cara não tá tão boa porque ela tá assim com o nariz de macaco, e esse aqui tem quer ser uma cara meio rindo do segundo, o primeiro porque tem uma moral, ai muda a máscara do primeiro para o segundo.

R: E o estandarte é também o senhor que faz? Que confecciona ele?

V2: O estandarte as cores que tem aqui tudo tem uma história, o verde, representa a nossa mata, o amarelo, o ouro do nosso Brasil, vermelho de carnaval, tem tipo uma história.

R: E o estandarte é sempre nesse modelo? Vamos supor que ele quebre e você for fazer a manutenção ou refaze-lo, as cores e o desenho vão ser sempre o mesmo?

V2: Sempre o mesmo.

R: Gostaria que o senhor falasse um pouquinho dos seus filhos, eles são super envolvidos nas brincadeiras, como é que foi esse processo do senhor conseguir passar isso pra eles desde pequenos.

V2: Eu vou convidando eles né. Esse ano agora eu precisei deles pra me ajudar a fazer o multirão das máscaras, eu tava atrasado com o negócio do barco, ai eles vieram ajudar, eles pegam a pintura.

R: Quais são os filhos que brincam com o senhor, que até hoje estão seguindo a tradição?

V2: Rodrigo, Herinaldo, Rafael, Lalinho, dois filhos né, as filhas não tem, nem os netos.

R: Desde que mês vocês começam a se mobilizar na comunidade para produzir o carnaval das águas?

V2: Olha esse ano foi no meio do carnaval, só que a gente costuma fazer em Novembro e Dezembro, a gente movimenta logo, hoje até o Jerry me falou para no outro ano a gente começar pelo menos dia 20 de dezembro, pelo menos começar a fazer as comédias.

R: Já teve alguma vez que o carnaval não saiu?

V2: Não, desde que ele foi reativado, todo ano segue a tradição.

R: Neste tempo que estou aqui percebi que o senhor tem relação com outros cordões, tem o Majestade, gostaria que o senhor falasse pra mim como é essa parceria com os outros cordões e se há uma retribuição desses outros cordões com o cordão Última Hora?

V2: A gente tem uma parceria com o Majestade, a gente é unido, agora tá indo só eu dançar lá, antes ia cinco, quatro daqui pra lá e vinha cinco ou quatro de lá pra cá. E eu até que também lá no majestade, se eu não for pra sair por exemplo domingo, domingo eu vou amanhecer meio, baqueado, amanhã é nossa festa, amanhece pra domingo tem que dançar lá com eles, se eu falar não vou poder dançar, porque eles não tem a pessoa pra fazer o psiqueiro.

R: O senhor faz o psiqueiro né? Tanto no Última Hora como nos outros cordões?

V2: Tanto no Última Hora como lá.

R: Conta um pouco pra gente como é a figura do psiqueiro dentro do cordão.

V2: A figura do psiqueiro é o enxerido, psicando, o enxerido do cordão, e aqui no Última Hora só muda a fantasia, o psiqueiro do Última Hora tem que ser todo preto, lá não é uma fantasia normal do cordão, porque o psiqueiro do Última Hora se chamava de Pretinho Conan, por isso que a máscara é desse jeito e a roupa é toda preta.

R: Mas tem um significado da cor ou preferência sua?

V2: Não, por causa que ele é meio preto, meu cheiro que falou, a gente vai fazer uma roupa preta, por causa que é pretinho, ai tem que fazer uma roupa preta.

R: O senhor tem relação com outros carnavais só com o Majestade, mas o senhor é tido como referência para outros cordões, como o senhor se sente se vendo como uma figura primordial para os outros cordões e vendo essa nova geração?

V2: Eu me sinto muito feliz, porque eu brinco aqui no nosso, brinco no deles lá, já chegou uma ano que eu brinquei em quatro cordões só num ano, quando foi nesse tempo brincava nos Príncipes Foliões, que era o cordão daqui deste rio, do Tentem, acabou também, eu era primeiro palhaço deles, depois passei pra psiqueiro, psicava nele, no Rei da Brincadeira, no Majestade, Os Bambas da Folia e nos Toca de Baixo, os quatro ao mesmo tempo, por causa dessa mesma coisa que não tem a pessoa pra fazer o psiqueiro, igual como eu tô lutando aqui prum novo desse aqui vê se consegue levar, porque eu tô dobrando de idade, já vai cansando e vai mudando as coisas, e nessa relação aqui me sinto feliz sobre isso.

R: Percebi que o primeiro palhaço precisa ter uma voz bem imposta, pra chamar bem atenção e pra pedir autorização da comunidade para o cordão poder entrar, qual diferencial tem dos dois palhaços e qual diferencial tem do psiqueiro basicamente, o que o psiqueiro faz que os outros dois palhaços não fazem?

V2: O primeiro tem que ter a voz bem grossa, um senhor mais idoso, o segundo não, e o psiqueiro não sei nem qual a diferença dos dois palhaços para o psiqueiro, a diferença é porque o psiqueiro é o enxerido do cordão, ele dá uma cutucadazinha pra levantar a galera.

R: Por que falam que o velho e a velha são quem conduzem a apresentação, por que é tão importante o velho a velha?

V2: Importante por causa que os idosos são importantes numa brincadeira dessa, eles representam os idosos.

R: Eles interagem muito com o público né? O que precisa pra ser um bom velho e velha numa comedia?

V2: Tem que fazer como o psiqueteiro faz, de vez em quando mexe com um, mexe com outro, faz comedia também.

R: Mas não tem restrição né? Por exemplo o primeiro palhaço é o Jerson que faz, ele é bem novo, o senhor acompanhou o processo dele ser escolhido para primeiro palhaço?

V2: Ele foi o pequeno macho que aprovou para primeiro palhaço aqui, o segundo não, qualquer uma pessoa dá conta de fazer, mas o primeiro a pessoa tem que ser inteirada de fazer, pode ver que ele é pequenino mas a voz ele faz grossa.

R: Com relação aos cabeçudos, eles tão saindo esse ano?

V2: Eles saem, agora esse ano acho que eles tão vadio, eles não vão querer ir. É que eu não tive tempo pra ajeita, não sei se vai dar tempo, mas tá difícil, aquele um lá tá até sem os dedos.

R: Tem dois tipos de cabeçudo né? Conta pra gente?

V2: Tem dois tipos de cabeçudo, esses dois ai vão até na cabeça, aquele dois lá até a cintura, aqueles lá a gente fez bem grande, pra vara aqui (aponta a própria cabeça) e chegar aqui (aponta a cintura), pra vara a mãozinha aqui, pra ficar bem baixinho, que eu acho que fica bonito assim, esse não, fica alto.

R: Fazer cabeçudo foi uma iniciativa que você se inspirou em outros grupos, outros carnavaís?

V2: Esse aqui (aponta o cabeçudo alto) foi eu mesmo que fiz, com meu filho que fez.

R: Mas o senhor já tinha visto cabeçudo em algum lugar?

V2: Já, daquele tamanho lá (aponta para o cabeçudo baixinho) era num cordão que tinha no rio ai pra Covatua, ai usavam esse cabeção desse assim, ai eu copieei né?

R: Tem o barco também né, que no nosso carnaval são carros alegóricos, aqui no rio são barcos né? Existe algum modelo específico de barco para o cordão poder sair?

V2: Tem que ter um modelo assim, que nem esse nosso aqui, se for aberto sem parede, melhor ainda, porque se a música for dentro, eles tão tocando destaca mais, se for bem fechado a música fica só lá dentro.

R: Os barcos tem nome né? Quem define os nomes? É o senhor mesmo? Qual o nome desse daí?

V2: É, tá pra ser última hora, minha filha falou: ah pai coloca o nome do barco de última hora, ai tá pra resolver, e ele saiu de última hora mesmo, não tá pronto ainda.

R: Qual o modelo do barco para se quiser encomendar um.

V2: Você ia pedir para um carpinteiro, quero mandar fazer um barco de tantos metros de comprimento, pra tanto de largura, pra tantas toneladas.

R: Quantos metros tem esse?

V2: Esse ai tem 15,5m de comprimento, por 3,60m de largura, aguenta mais ou menos umas 15 toneladas.

R: Qual o modelo dele?

V2: Modelo lancha.

R: Fora essa reforma e a construção do casco que o senhor, que acompanhamos desde novembro, no processo final tem as letras, quem estica essas letras? |Tem uma pessoas que faz ou o senhor mesmo que faz?

V2: Eu mesmo que faz.

R: Como o senhor faz? Qual material que usa?

V2: Não uso fita, não estou acostumado, é manual mesmo.

R: O senhor faz um estudo antes ou já vai direto?

V2: Não, no dia que ficar pronto pra colocar o nome é só pegara régua, riscar com um lápis e tinta.

R: Já no Última Hora eu percebi que ficam duas pessoas balançando essas bandeiras, uma vermelha e uma amarela, tem algum significado essas bandeiras?

V2: Tem, amarela representa o ouro nosso brasileiro, aqui né? Porque nos outros cordões são outras cores, daí não sei se tem significado, mas esse nosso tem, o amarelo representa o ouro e o vermelho do nosso Pará.

R: Mas tem um integrante específico que usa ela no barco ou qualquer brincante pode segurar?

V2: Qualquer brincante pode segurar.

P: Agora vamos para a parte das comédias, quem faz as comédias e como é essa preparação antes do carnaval para escrever, essas comédias passam pelo senhor antes?

V2: Passa antes, no processo, eu não fiz mais comédia, quem fazia comédia era eu e o Lucival Garcia, eu ia pra lá e a gente fazia, agora não, não tenho mais tempo pra fazer, sempre é o Regis que faz pra mim, esse ano ele fez duas, aí a gente vai pedindo, o Peteca tem uma que ele vai me falar amanhã que ele fez. A gente vai fazendo essa parceria pra fazer as comédias.

R: O Regis lidera o Majestade né? Como é essa relação de amizade que o senhor tem com ele?

V2: Ah é muito grande, ele vem brincar com nós de lá, faz a comedia aqui, ele fez três comedias, ele nos ajuda bastante e no que eu posso ajudar eles lá eu ajudo, o barco ofereci pra ele ontem, mas ele já fez um pacote com outro barco lá. Mas ia aquele, eu só ia cobrar o óleo dele mesmo

R: Na época que o senhor escrevia as comedias, quais as referências o senhor colocava? Qual o critério pra se escrever uma comedia? Tem que colocar um assunto atual?

V2: tem que ter um assunto atual, um assunto passado, comedia é assim vai inventando, piada não, piada é mais diferente de comedia, piada tem que ser engraçada, rimar com poucas linhas, só pra dar a graça né? Comedia não, você vai falando.

R: E o fora o Regis existem outras pessoas que escrevem, quem são essas pessoas?

V2: Sempre era eu, João Tenório fazia, mas agora ele tá baquiado, faz dois anos, o Gê ele é principal.

R: Ele é também o que hoje tá bem mais envolvido?

V2: Ele é o que tá mais envolvido, até esse ano já me convidou pra começar logo em dezembro fazer o movimento de comedia, ele tá certo, ou até antes pode ser, porque as comedias é o que mais atrasam a gente, as vezes a gente custa a sair até concluir a comedia, ai ainda tinha que dar para o pessoal decorar, tem gente que decora rápido, mas tem gente...

R: Essas comedias elas ficam prontas basicamente quanto tempo antes da saída do cordão?

V2: Tem que ser pelo menos uns 10 dias.

R: Ai vocês passam essas comedias para cada um ir estudando?

V2: É, pra decorarem.

R: A comedia é rimada né? Quantos versos e como são feitas as rimas?

V2: As rimas, sempre o Lucival gostava de rimar comédia com 6 linhas, 6 estrofes, pra rimar ela com 6, agora não a gente faz com 4 pra ficar mais fácil né? Mais rápido. Tem comédia que com 2 linha ela rima.

R: Em média quantas comédias são produzidas no carnaval?

V2: em média todo ano 5.

R: O linguarudo falou que ele tem uma comédia que tem 48 versos, em medias quantos versos você faz em uma comédia?

V2: Não sei porque ele faz tão grande assim, eu não gosto, olha comédia fica bacana com 6 versos, você joga uma comédia com 12, 15 versos você vai enjoar o pessoal na sala, só ouvindo aquilo, ai o cara faz uma comédia com 6 versos, 5 versos, olha nossa comédia tem 5 versos, imagine uma comédia dessa ai, é como eu falo, na igreja católica, ela vai celebrar um culto, eles pegam uma bíblia, versículo tal até o versículo lááá até na outra página, ai leva lendo, lendo, lendo, moleque que tá sentado no pau tá lendo, ele tá até fora do sentido e o evangélico lê um versículo da bíblia e pronto, agora explicam tudo, uma comédia dessa que ele tá falando 40 versos, demora demais pra falar né? O pessoal pra lá do fim da comédia dele não tão nem ligando, tão nem prestando atenção mais.

R: O senhor lembra de alguma comédia?

V2: Não.

R: Eu vi que tem a questão do pisador, ele tem uma função lá dentro? Ele vai ali pra chamar atenção.

V2: Sim , na pisada, ele tem que pisar naquele ritmo e não pode por exemplo o palhaço dá o sinal pra findar, ele não pode bater o pé errado, tem que bater certinho.

R: Ele não pode tirar a máscara também né?

V2: É, porque tem uns, uns novos, tem três moleques que esse ano tão me dando trabalho, na sala eles arribam a máscara, eu olho e abaixa a máscara, foi o que eu falei para o pequeno lá, olha se tu tirar a máscara é só esse ano que tu vai brincar. Porque se fosse pra não levar a máscara, o cara ia só com a cara dele né?

R: As localidades são um pouquinho distantes uma da outra né? Como há essa comunicação pra poder se apresentar lá?

V2: Tem um específico pra fazer isso, ele vai lá contratar, hoje eu já fui fazer isso, pra amanhã, vou sair agora de novo, eu já arranjei duas casas lá pra dentro, uma lá em cima, outra lá pra dentro, vê se arranjo pelo menos 5, a encerração as 5 hrs, porque as 5 horas estão querendo ir lá no Joaba, mas não tem como, vamos chegar muito tarde.

R: E há todo um critério pra ir? Tem que saber a questão da onda, como que tá a maré, quem faz esse roteiro, é o senhor mesmo?

V2: É, tem que reparar a maré, olha ontem foi errada a maré pra ser, porque se a gente pega uma enchente, a gente não ia voltar aqui, lá em cima perto de Mocajuba, pra voltar, a gente tem que reparar, mas as vezes não dá certo né.

R: Mas eu posso também do barco aqui, acenar pra você, te chamar?

V2: Pode, acontece né? Se ver uma casa lá e tiver horário suficiente, chamou a gente encosta e dança.

R: Agora vamos pra comunidade, quem são os brincantes? Acredito que são os moradores daqui né? Eles pedem pra brincar ou o senhor convida?

V2: Eles vem, eu marco reunião com quem tá lista, esses são fixos, por exemplo, esse ano eu marquei uma reunião e deu demais gente pra querer entrar, tavam entrando até sem falar nada comigo, eu sei como é a vontade de pular o carnaval, ai eu digo reunião tal dia, ai amontoa de gente pra querer brincar, só que a gente não pode colocar gente demais, um cordão desse com

50 pessoas já se torna difícil, imagine o pirata disque até 120 pessoas já brincou, é ruim pra controlar né?

R: Os jovens tem interesse em brincar?

V2: Tem, tem uns que não é só pra brincar é pra anarquia também.

R: E as meninas?

V2: As meninas são o mais difícil, esse eu tenho que sair atrás, pra ir pedir para os pais pra liberarem pra ir brincar.

R: Por que o senhor acha que tem essa dificuldade pra arrumar meninas dançante?

V2: Porque a senhora sabe meninas é sempre mais difícil né? Os pais não deixam, os pequenos não, tem uns que se governam, já vai por conta própria, não tem nada a ver com o pai, aqui de frente tem uma menina que tá querendo brincar desde a primeira partida que a gente saiu, mas o pai não tá deixando, esse que é o problema da mulher né pro homem.

R: E ele não deixa por causa do quê?

V2: Não sei por quê, porque outros ano ela já brincou com nós, eu não sei por que eu não tive tempo de falar com ele pessoalmente, mandei a Ruth lá e ele enganou ela, que ela ia, só depende dela se ela querer ir, ai na primeira partida foram buscar lá, não deixou, ai a Ruth me falou pra ligar pra ele, mas não dava tempo, pode ver, não tinha tempo pra nada dentro desse barco ai, hoje que já tá mais o negócio aliviado um pouco, mas não tá pronto, ai mandei a Ruth lá e ela foi, não veio, falou diga pra ele, conversei com ele falando dela pra deixar ela brincar com a gente, uma conversa muito devagar, custava a responder, acabou que não deixou ela ir ontem, não sei o porquê, convidei ele, ele vai todo ano lá pra Cameté com a gente, ele com a mulher dele, o resto dos filhos, esse ano, ainda brinquei com ele, tem um meninozinho neto dele que gosta muito de mim, eu passo lá ele tá fazendo adeus ai convidei ele pra brincar carnaval, ainda brinquei com ele, olha tô convidando você pra nos levar o Ian

pra brincar carnaval, ai ele deu uma risadinha, ai aproveitei pulei no assunto, mas ele não deixou ela ir, não sei o porquê, tá meio brabo.

R: A Geane sai também né? Todo ano ela vai, vai como brincante né?

V2: Sai. Vai.

R: E a vivi também né?

V2: E a vivi também, é! Ai essa dai a gente é responsável por ela, o pai as vezes vai, a gente responsabiliza por todas que vai.

R: Os brincantes vão quantos homens e quantas mulheres?

V2: O certo 20 homens e 20 mulheres, agora nós temos 23 homens e 16 mulheres na roda, fora o velho, a velha e os 2 palhaços na roda, e só 16 mulheres.

R: O senhor acha que é muito mais mesmo essa questão de informação para os pais liberarem as filhas ou são coisas mais pessoais.

V2: Acho que são coisas mais pessoais né, ela eu tenho que ir na casa de todos eles conversar com os pais, só aquelas 3 que brincaram ontem, 2 meninas com a mãe delas que vieram aqui, vontade de brincar o carnaval, tinha uns rapazinhos lá também, ai eu falei olha pros homens não tem vaga, tá muito cheio, pra mulher tem, ai a zinha gritou “Oh Glória!”, e a zinha tá sabendo, gostei de ver a menina dançando.

R: E a boia? Come no caminho?

V2: Come no caminho, leva pronto já, amanhã que não vai pra longe, come na casa.

R: O Última Hora sai em Cametá?

V2: Não, só vai pra passar na avenida, nunca nós fomos porque eu tenho até medo assim, uma viagem eu fui brincar carnaval, no Rei da Brincadeira, eu vi esses cabeção lá, meu pai brincava carnaval lá, eu também foi brincar, parecia a Geane, brincava de menina, botava a saíinha e uma blusinha pra brincar, eu já era macho, maior um pouco nós fomos pra Cameté, se sabe que lá deu uma briga, que veio gente espalhado do cordão uns pro lado, outros pra outro, ai por isso eu tenho medo de ir em Cameté assim pra dançar em casa como a gente vai dançar por aqui, e tem, eles querem lá, não sei se agira já mudou né? Também aconteceu aqui por causa que o velho com a velha daquele cordão provocou, muito enxerido e o pessoal de lá de Cameté, tem que aceitar eles, chega um cordão aqui se tiver dançando na rua, chegar na tal casa lá, dançar na casa e ir embora pra rua, se ter uns que vem querer dançar no meio, se você não deixar ai tem a confusão, foi isso que aconteceu. Eu não, por exemplo lá a gente tiver passando na avenida, tá assim de gente querendo dançar, a gente leva umas roupas sobrando, como você perguntou ainda agora que as roupas do ano passado a gente reutiliza pra levar pra lá, de repente se não chegar,” tu quer ir? “, ”Eu quero!”, “ Vai lá atrás do cordão”, ai vem, eu não desagrado eles, eu acho que se a gente fosse não aconteceria, isso faz muitos anos, mas foi porradaria, nós só não apanhamos tudo nós porque a metade correu, por causa disso, o cara sujo de maisena foi querer entrar no meio, foi querer bancar a moral sabe, o pau trincou, porrada mesmo que veio na gente, por isso que eu nunca teve vontade de levar o cordão, quero levar pro outro ano e se Deus quiser vou levar, é Mocajuba, ver como é né, Mocajuba e Baião, outro ano vamos começar muito cedo o carnaval, apenas que vai ser curto, que esse ano foi comprido, só que já conversei com o Rogerio, em Dezembro que é pra nós tá pronto de máscara e tudo, e logo início de janeiro nós vamos lá pra cima, fazer município de Baião e Mocajuba, uma semana.

R: Em janeiro? Carnaval vai ser antes?

V2: É, de 2020 já, vai ser curto esse outro ano, um ano é curto o outro comprido.